

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**MARCOS MALTA CAMPOS**

**UMA COMPREENSÃO DASEINSANALÍTICA DO PERSONAGEM CHRISTOPHER,  
PROTAGONISTA DO ROMANCE “O ESTRANHO CASO DO CACHORRO MORTO”.**

**São Paulo**

**2008**

# Universidade Presbiteriana Mackenzie

Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento

Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento

**Marcos Malta Campos**

**Uma Compreensão Daseinsanalítica do Personagem Christopher, Protagonista do Romance “O Estranho Caso do Cachorro Morto”.**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Presbiteriana Mackenzie como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre  
em Distúrbios do Desenvolvimento.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira.**

**São Paulo**

**2008**

**Marcos Malta Campos**

**Uma Compreensão Daseinsanalítica do Personagem Christopher, Protagonista do Romance “O Estranho Caso do Cachorro Morto”.**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Presbiteriana Mackenzie como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre  
em Distúrbios do Desenvolvimento.

Aprovado em

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira – Orientadora  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Geraldo Antonio Fiamenghi Junior  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Ribeiro Zukauskas  
Universidade Paulista

*Jumbo e Má, a vocês dedico este trabalho e o melhor de mim, já que me são presentes do dia a dia, e em mim semeiam a vida.*

*Aos meus pacientes, aos meus colegas e à construção de um mundo mais justo e saudável.*

## AGRADECIMENTOS

*Este trabalho contou com o inestimável apoio do Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa, que em parte o financiou.*

*Agradeço a meus pacientes e suas famílias, que têm me oferecido espaço para compreendê-los e de assim procurar trazer-lhes cuidado e alívio.*

*Aos colegas de trabalho, profissionais de saúde como eu, inclusive meus colegas de consultório, Beth, Carmem, Maria, Sandra, Afrânio e Alberto, que comigo têm partilhado tantas jornadas.*

*Agradeço chegar a mais este ponto de partida, especialmente ao Afrânio, tanto tempo meu analista; ao Edu, mestre maior; ao Alberto, supervisor amigo que me abriu os horizontes do Acompanhamento Terapêutico; ao amigão “psi” Alexandre, e ao não menos amigo, Fandangos; à fiel amiga Bia, de todas as horas.*

*Agradeço à minha orientadora, Professora Maria Cristina, a quem tenho admirado pela seriedade e entusiasmo pelo que faz; ao Professor Geraldo Fiamenghi, que acreditou em mim e meu deu força no momento mais difícil dessa jornada; à Professora Patrícia Zukauskas, que me deu uma “doutora” ajuda; ao Professor Marcos Mazzota, fonte de inspiração para quem de verdade quer se dedicar ao ensino e à pesquisa; e ao Professor Décio, ex-coordenador, professor que me reaproximou da importância da genética.*

*À minha avó Lota, rija porém terna, firme, fonte de inspiração do alto de seus quase cem anos, e à minha abuelita.*

*Agradeço a meus pais, Caio e Vera, pela educação que me proporcionaram, a meus irmãos, Caíto, Guilherme, Olívia, André, este que é amante dos saberes, sobrinhos, cunhados, sogros, avós, tios, especialmente àqueles que vivem na linda casa centenária e que tanto nos acolhem, primos, e à Maria, claro.*

*Às amigas Luciana Goldman e Luciana Szymanski, ao pessoal da VII Jornada Científica da UNIP (2007), ao pessoal do III Congresso Internacional de Acompanhamento*

*Terapêutico (2008) e aos organizadores e participantes do VII Congresso Internacional de Saúde Mental e Direitos Humanos (2008).*

*Aos lugares por onde passei, onde me doei no que pude e onde também aprendi: EQUIPSI, Clínica Neder, AACD, Interação, Carpe Diem, Clínica Comunitária Terceira Margem, Projeto Inclua e Centro Universitário Nove de Julho (de antemão: aos por onde possivelmente passarei); aos que foram meus alunos, que se dispuseram a me ensinar enquanto comigo aprendiam.*

*Muito grato pela compreensão e apoio dos Professores Maria de Fátima Almeida Prado e Marcos Oreste Colpo, da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, esta que vem sendo tão fundamental em minha formação.*

*À Faculdade de Psicologia da PUC-SP e ao curso de especialização em Psicologia Clínica - Teoria Psicanalítica, da mesma universidade, com seu corpo docente que tanto fez me instigar para conhecer, algo que permanece vivo em mim.*

*A todo pessoal da Builders, por anos e anos oferecendo tranqüilidade e edificando vidas.*

*Ao Doutor Cássio, médico do corpo e da alma, curador em tantos momentos de apuros.*

*Também grato aos outros professores do programa que estiveram comigo em algum momento: Elcie, Silvana, Sueli, Beatriz, Ana Paula e Eliseu (atual coordenador do programa) E também aos meus colegas de mestrado.*

*À Carla e Alicia, que sempre tiveram boa vontade para ajudar na secretaria do Programa de Mestrado (e também ao pessoal de “apoio logístico” aos alunos da Universidade).*

*Agradeço ainda aos Professores Maria Eloísa F. D’Antino, Marcos T. Mercadante e J.S. Schwartzman, por sugestões e por alguns dos impulsos iniciais fornecidos para a pesquisa.*

*De repente do riso fez-se o pranto*  
*Silencioso e branco como a bruma*  
*E das bocas unidas fez-se a espuma*  
*E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento*  
*Que dos olhos desfez a última chama*  
*E da paixão fez-se o pressentimento*  
*E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente*  
*Fez-se de triste o que se fez amante*  
*E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante*  
*Fez-se da vida uma aventura errante*  
*De repente, não mais que de repente.*

Vinícius de Moraes. *Soneto de Separação*. 1938.

*O sentido da vida inclui reconhecer e aceitar a finitude do ser. Para o homem finito a lógica da felicidade traz consigo viver a morte como irmã da vida. A felicidade não está em ter cada vez mais e sim em ser cada vez menos proprietário da vida. A desapropriação da vida - é nisso que está o envelhecer.*

Emmanuel Carneiro Leão. Apresentação a *Experiência do Nada Como Princípio do Mundo*. 2004.



## RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo realizar uma compreensão daseinsanalítica do ser-no-mundo do adolescente Christopher, protagonista do romance *O Estranho Caso do Cachorro Morto*, explicitando as relações do personagem com as pessoas de seu mundo. O adolescente descrito no livro pode ser diagnosticado com Transtorno de Asperger, de acordo com critérios do DSM-IV-TR. Utilizou-se do método fenomenológico, conforme descrito por Giorgi, para realizar a emersão do fenômeno ser-com os outros do referido personagem, seguindo-se compreensão daseinsanalítica embasada nas contribuições do filósofo Martin Heidegger nos *Seminários de Zollikon*. Estes seminários visaram expor a *Daseinsanalyse* como instrumento capaz de compreender o existir sadio e o existir doente em geral a partir de concepções próprias à existência humana. Os principais resultados da análise apontam que Christopher relaciona-se com os outros predominantemente no modo da estranheza, enxergando as pessoas muitas vezes como potencialmente nocivas e buscando o isolamento. O fenômeno existencial ser-com foi concretamente demonstrado na vida do personagem, o que leva a pensar que em alguns momentos da análise o estudo ganhou um certo caráter de confirmação de postulações heideggerianas.

Palavras Chave: Daseinsanalyse, Ser-no-Mundo, Ser-Com os Outros, Transtorno de Asperger, Método Fenomenológico.

**Title: A Daseinsanalytical Understanding of the Character Christopher, Protagonist of the Novel “The Curious Incident of the Dog in the Night-Time”.**

**ABSTRACT**

This research aimed a daseinsanalytical understanding of the teenager Christopher’s being-in-the-world (protagonist of the novel *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*), explaining the relationships of the character with others who are presented in his world. Christopher’s manifestations can also be diagnosed as Asperger’s Syndrome, according to DSM-IV-TR. The phenomenological method described by Giorgi was used to emerge the Christopher’s being-with others phenomena, following a daseinsanalytical understanding based on the contributions of Martin Heidegger in his Zollikon Seminars. These seminars exposed Daseinsanalysis as an instrument able to understand healthy and sick existence, from appropriated concepts to human being. The research found out that Christopher get on with others predominantly in strangeness, seeing people many times as potently nocuous and seeking lonesomeness. The phenomena being-with others was demonstrated in Christopher’s life, which suggests that this study confirms some of Heidegger’s postulations.

**Key Words:** Daseinsanalyse, Being-in-the-World, Being-With Others, Asperger’s Syndrome, Phenomenological Method.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	<b>viii</b>
<b>Abstract</b>	<b>ix</b>
<b>1 – Introdução</b>	<b>11</b>
<b>2 - Fundamentação Teórica</b>	<b>23</b>
<b>2.1 - Transtorno de Asperger. Quadro Clínico, e uma comparação com manifestações de Christopher, de acordo com critérios do DSM-IV-TR</b>	<b>24</b>
<b>2.2 - A Daseinsanalyse de Martin Heidegger</b>	<b>37</b>
<b>3 – Objetivos</b>	<b>54</b>
<b>4 - Método</b>	<b>56</b>
<b>4.1- Apresentação do Romance</b>	<b>57</b>
<b>4.2 – Procedimentos do Método Fenomenológico</b>	<b>59</b>
<b>5 – Transcrições em termos expressos por Christopher</b>	<b>63</b>
<b>6 - Compreensão Daseinsanalítica e Estrutura do Fenômeno Ser-Com os Outros em Christopher</b>	<b>79</b>
<b>7- Considerações Finais</b>	<b>96</b>
<b>8 – Referências</b>	<b>103</b>

# 1. INTRODUÇÃO

---

## 1 - INTRODUÇÃO.

Este trabalho tem por objetivo realizar uma compreensão *daseinsanalítica*, a partir de contribuições do filósofo alemão Martin Heidegger em seus *Seminários de Zollikon* (HEIDEGGER, 2001), do ser-no-mundo do personagem Christopher, protagonista do romance *O Estranho Caso do Cachorro Morto*, de Mark Haddon, publicado originalmente em inglês, com o título *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time* (HADDON, 2003). Mais especificamente, pretende-se pesquisar o fenômeno ser-com os outros no referido personagem.

Christopher é um adolescente de quinze anos que se manifesta de modo a também poder, a partir da ótica da psiquiatria, ser diagnosticado com um quadro clínico sugestivo de Transtorno de Asperger<sup>1</sup>, condição descrita a partir dos anos 90' pelo DSM-IV-TR - *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2003), bem como pela CID-10 - *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1997).

Dado que o presente trabalho tem como finalidade elaborar uma compreensão de um personagem literário através da ótica da *Daseinsanalyse*, entendida esta também como uma prática terapêutica fundamentada a partir dos ensinamentos de Martin Heidegger ao psicanalista Medard Boss, será realizada uma breve incursão sobre literatura clássica, cujos

---

<sup>1</sup> Há autores que falam em Síndrome de Asperger; há publicações que se referem à condição como Transtorno de Asperger, caso do DSM-IV-TR (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2003). Optou-se por ao longo do trabalho, ao citar autores que pesquisam o assunto, manter a nomenclatura utilizada pelos mesmos. O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986) refere-se a Síndrome como “Estado mórbido caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, e que pode ser produzido por mais de uma causa” (p. 1590). Transtorno é definido como desarranjo, desordem, perturbação mental (p. 1703).

personagens serviriam ou mesmo serviram a abordagens compreensivas de diferentes escolas psicológicas ou filosóficas.

Encontram-se na literatura personagens que foram alçados à condição de ser alguém que poderia ser diagnosticado com um transtorno mental. Em *O Alienista*, conto brasileiro de Machado de Assis do final do século XIX, encontra-se o médico Simão Bacamarte, que tem como objetivo na vila onde reside, a busca do padrão de conduta tido como normal para a criatura humana e o isolamento e internamento daqueles considerados desviantes, loucos. Mas ele próprio, quando se descortina seu mundo como habitado quase que exclusivamente por desviantes, revela um modo doentio de existir.

Outro exemplo, também do século XIX, pode ser encontrado em *Diário de um Louco* (NIKOLAI GOGOL, 2000). Este conto russo apresenta a história de um funcionário público, Axenty Ivanovitch que, procurando fugir da pequenez de sua vida, cria para si um novo mundo, com a identidade de um rei, indo depois parar em um manicômio.

Freud teceu compreensões de personagens dramáticos consagrados pela história da literatura mundial, ou utilizou-os como exemplos para ilustrar suas idéias: Hamlet, de William Shakespeare e Édipo, da tragédia grega de Sófocles, são citados, entre outras passagens, na quarta das *Cinco Lições de Psicanálise*, de 1909:

O mito do rei Édipo que, tendo matado o pai, tomou a mãe por mulher, é uma manifestação pouco modificada do desejo infantil, contra o qual se levantam mais tarde, como repulsa, as barreiras do incesto. O Hamlet de Shakespeare assenta sobre a mesma base, embora mais velada, do complexo do incesto (FREUD, 1970, p. 44).

Em *Dostoievski e o Parricídio*, apresentado em 1928, Freud faz comentários sobre desejos incestuosos contidos em *Os Irmãos Karamazov*, o qual considera “[...] o mais grandioso romance jamais escrito (FREUD, 1974, p. 205)”. Ele ainda alinha este romance com *Édipo Rei* e com *Hamlet*: “Difícilmente pode dever-se ao acaso que três das obras primas da literatura de todos os tempos [...] tratem todas do mesmo assunto, o parricídio. Em todos os três, ademais, o motivo para a ação, a rivalidade sexual por uma mulher, é posto a nu (FREUD, 1974, p.217)”.

O fundador da psicanálise escreveu também sobre os personagens reais Leonardo da Vinci e o jurista Daniel Paul Schreber. Em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, publicado em 1910, Freud analisa a sexualidade do mestre renascentista e as relações desta com obras como *Gioconda* e *Santana, a virgem e o menino*, a partir de algumas biografias e de uma lembrança de infância de Leonardo. Em *Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia*, publicado em 1911, Freud deteve-se sobre as *Memórias de um Doente dos Nervos*, redigidas e publicadas por Schreber em 1903, após internação. Schreber dera sinais de distúrbios mentais e fora interditado. Freud advogou em sua análise das *Memórias* que a fonte dos delírios de Schreber, que nunca foi seu paciente, estava no recalçamento da homossexualidade, e que o mecanismo essencial da paranóia residia na transformação do amor em ódio.

Barreto (2000) tomou de empréstimo um ícone da literatura mundial, *Dom Quixote*, do século XVII, para, através de vivências e diálogos entre o aspirante a cavaleiro e seu fiel escudeiro Sancho Pança, apresentar o trabalho de Acompanhamento Terapêutico numa perspectiva winnicottiana.

Martin Heidegger, em sua clássica obra *Ser e tempo*, publicada em 1927, na alínea em que aborda fenomenologicamente a maneira como o homem lida comumente com a morte,

encobrendo-a, vai justamente citar o conto russo *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, escrevendo que o mesmo “[...] expôs o fenômeno do abalo e do colapso desse ‘morre-se’ impessoal (HEIDEGGER, 1993, p. 36, Parte II)”, quando o personagem central descobre-se com câncer:

Para aproximar uma compreensão daseinsanalítica do ser-no-mundo do personagem Christopher, será utilizada uma metodologia fenomenológica de pesquisa. E por que o método fenomenológico neste trabalho para a compreensão de um personagem literário?

Segundo Safranski (2000), a fenomenologia busca aquilo que se mostra e como se mostra a partir de si mesmo, ou seja, o fenômeno, e continua:

Tudo o que é dado à consciência é “fenômeno” e a pesquisa da consciência no sentido husserliano observa em rigorosa introspecção a ordem interna dos fenômenos da consciência. Ela não interpreta nem explica, mas tenta descrever o que são e o que mostram de per si os fenômenos (SAFRANSKI, 2000, p. 107).

O método fenomenológico criado por Edmund Husserl no início do século XX, e posteriormente estudado por autores como Heidegger e Merleau-Ponty, vem sendo utilizado em diversos estudos, inclusive em estudos com pessoas com diagnóstico de Transtornos Globais do Desenvolvimento (categoria diagnóstica maior onde se encontram o Transtorno de Asperger e o Transtorno Autista).

Para Moreira (2002, p. 108) o método fenomenológico é adequado à pesquisa empírica quando e porque “[...] enfoca fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. [...] O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa”.



Pois justamente neste estudo, busca-se a “experiência vivida” de alguém, no caso, de um personagem, acreditando-se que o método fenomenológico, por aguçar a compreensão dos fenômenos da maneira como se mostram “de per si”, seja bastante adequado.

Vale adiantar que há algumas diferenças entre a fenomenologia tal qual proposta por Husserl e aquela empregada por Heidegger, discípulo do primeiro. Uma breve derivação faz-se necessária para melhor explicar algumas das diferenças. Nos *Seminários de Zollikon* (2001) Heidegger afirma que a fenomenologia de Husserl continua trabalhando com a descrição da consciência, mesmo que acrescentando como novidade a noção de intencionalidade, por esta entendendo-se que “[...] toda consciência é consciência de algo, aponta para algo (HEIDEGGER, 2001, p. 171)”. Mais adiante coloca que “De nenhuma maneira está esclarecida a ‘estrutura da subjetividade’ como transcendência; isto é justamente a concepção de Kant e a continuação de Husserl (HEIDEGGER, 2001, p. 208)”.

Safranski comenta que Heidegger critica Husserl por, após descrever o processo de consciência antes da divisão sujeito e objeto, “[...] volta a cair na planície transcendental naquela representação que pretendia superar, isto é, a do eu como dono de seus conteúdos conscientes (SAFRANSKI, 200, 112)”.

Heidegger, buscando superar a dualidade consciência – mundo, tomando o ser-no mundo como anterior a qualquer experiência, entende a fenomenologia como necessariamente interpretativa do ser, utilizando-a na busca pelo sentido do ser em geral, e para tanto, previamente, interrogando numa ontologia fundamental, as estruturas essenciais do ser humano. Segundo Garnica (1997, p. 119),

[...] há esse distanciamento de concepções no que diz respeito à abordagem fenomenológica: esta será estrutural (visando às ‘coisas mesmas’, ou ao ‘conhecimento ele mesmo’ ou às estruturas da experiência) em Husserl, e postura que visa ao ser – e portanto, ontológica – em Heidegger.

Mas Heidegger admite que se pode falar também do método fenomenológico em sentido ôntico, ou seja, utilizado para compreender “[...] ‘o ente que se mostra, respectivamente, assim e assim’, isto é, que na medicina é examinado e tratado” (HEIDEGGER, 2001, p. 235), que é diferente, para ele, da fenomenologia como ontologia fundamental.

Nesta dissertação, utiliza-se o método fenomenológico de Giorgi (1997), de inspiração husserliana, como um dos passos de uma pesquisa feita num âmbito acadêmico, acreditando tratar-se do mais adequado, entre os métodos de pesquisa, para aproximar vivências de uma pessoa, sem contudo abrir mão de uma compreensão *daseinsanalítica* de uma pessoa em particular, a partir da fundamentação ontológica realizada por Heidegger nos *Seminários de Zollikon*.

A respeito dessa espécie de junção acima colocada, Amatuzzi (1996) comenta que, no método proposto por Giorgi, após a “sintonização com o todo do vivido” e o “encontro dos elementos experienciais”, ocorre uma síntese ou articulação final,

[...] redizendo o fenômeno, da forma como ele aparece, e em seu sentido. Essa síntese pode ser seguida de uma interpretação [...] ou pode ser feita já incluindo uma interpretação [...] A primeira é de tendência mais tipicamente “husserliana”, enquanto a segunda mais “heideggeriana” (AMATUZZI, 1996, p. 8).

Passa-se à citação de alguns estudos que se valeram de metodologia fenomenológica.

Zukauskas (2003) conduziu estudo com jovens com diagnóstico de Síndrome de Asperger com vistas a melhor compreender como se dão vivências temporais em pessoas diagnosticadas com esta condição. Utilizou, como um dos referenciais, da fenomenologia de Merleau-Ponty, chegando, entre outras conclusões, à de tratar-se na Síndrome de “[...] uma temporalidade restrita explicitada pela presença de prejuízos relacionados à continuidade no contato com o ambiente, à limitada perspectiva do sentido do devir [...] (ZUKAUSKAS, 2003, p.113)”.

Também Zukauskas (2005) apresentou trabalho utilizando a fenomenologia daseinsanalítica aprendida pelo psiquiatra e analista suíço Medard Boss com Martin Heidegger, para a compreensão de um adolescente com diagnóstico de Síndrome de Asperger em seu processo terapêutico.

Boss (1977, p. 6), influenciado pelo pensamento heideggeriano, e organizador dos *Seminários de Zollikon*, ao propor a compreensão do modo de ser esquizofrênico à luz da fenomenologia daseinsanalítica, afirma que:

[...] mesmo que se tenha encontrado um fator físico que possa sem dúvida parecer uma somatogenia do modo-de-ser-esquizofrênico na sua concepção mais comum até hoje, não se terá chegado mais próximo da concepção desse sofrimento, pois para isso é necessário saber o que ele significa como **modo existencial doentio humano** [grifo do autor desta dissertação].

Nesta dissertação há o propósito de compreender o ser-no-mundo de um personagem-pessoa, que, como já foi dito, manifesta-se de forma a poder receber o diagnóstico de

Transtorno de Asperger. Acredita-se assim, que é possível acrescentar, com outro olhar, a estudos do campo das neurociências no que tange aos Transtornos Globais do Desenvolvimento, estudos cujo foco é representado, por exemplo, nos artigos que serão brevemente relatados a seguir, do *Journal of Autism and Developmental Disorders*.

Saulnier e Klin (2007) conduziram estudo com trinta e dois indivíduos com Autismo considerado de Alto Funcionamento e com trinta e cinco indivíduos com diagnóstico de Síndrome de Asperger, todos meninos com idades entre sete e dezoito anos, todos pontuando acima de setenta em QI, para avaliar habilidades em comunicação e socialização nestas condições. Chegaram às seguintes conclusões: Os meninos com diagnóstico de Asperger têm QI verbal significativamente mais alto do que os com diagnóstico de Autismo, mas ambos os grupos apresentam prejuízos importantes nas habilidades de comunicação e de socialização; e concluíram também que há uma discrepância substancial entre habilidades cognitivas e de adaptação, a despeito do subgrupo a que pertencem no grupo Transtornos Invasivos (ou Globais) do Desenvolvimento.

Loukusa e outros (2007), denominando a Síndrome de Asperger como uma condição neurobiológica, conduziram um estudo para investigar a habilidade na utilização de informações contextuais por crianças para responder corretamente a questões que lhes foram propostas. Pesquisando dezesseis sujeitos com idades entre sete e nove anos; vinte e três sujeitos com idades entre dez e doze anos; e mais um grupo controle, os autores sugerem que as crianças com a Síndrome e com o chamado Autismo de Alto Funcionamento têm desempenho inferior ao do grupo controle pesquisado na compreensão de contextos, quando chamados a responder questões a partir da apresentação de figuras representando situações. Por exemplo, uma menina de onze anos, com diagnóstico de Asperger, ao ser questionada sobre o porquê de, em uma das figuras, um menino estar segurando um livro em cima da

cabeça, sendo que a figura a ela apresentada mostrava uma cena chuvosa, respondeu: “ele está voltando para a livraria”. Apesar de apresentarem boas habilidades lingüísticas, as crianças do estudo tiveram mais dificuldades na utilização de informações contextuais do que as crianças do grupo controle. É digno de nota que os autores do estudo não tenham diferenciado nos resultados os sujeitos com Asperger daqueles com Autismo de Alto Funcionamento, e que este último não possui até o presente momento uma validação diagnóstica no DSM-IV-TR (2003) e na CID – 10 (1997). Também deve ser sublinhado que o estudo não se ateve a aspectos qualitativos das respostas às questões.

Korpilahti e outros (2007, p. 1547), também afirmando ser a Síndrome de Asperger um quadro neurobiológico, estudaram em quatorze meninos com idade média de onze anos, todos com diagnóstico da síndrome, a discriminação da prosódia afetiva, utilizando exames como Potencial Auditivo Evocado e Eletro Encefalograma, comparando-os com um grupo de treze meninos com desenvolvimento típico. Encontraram respostas neurológicas atípicas:

Sugerimos que na Síndrome de Asperger a percepção da prosódia afetiva está alterada e que esta deficiência tem origens neurofuncionais. Nossos resultados trazem evidências que sustentam a hipótese de que as dificuldades na comunicação social se devem ao prejuízo na percepção da prosódia e a pobre identificação das expressões afetivas dos outros [tradução do autor deste trabalho].

Martin e Mc Donald (2004, p. 311), em estudo exploratório sobre causas das dificuldades com linguagem não literal em pessoas com Síndrome de Asperger, pesquisaram quatorze jovens com média de idade de dezenove anos, todos com diagnóstico da síndrome, e mais grupo controle. Utilizando-se de uma variedade de testes, relataram que “Em particular, dificuldades em entender formulações não literais, como ironias, têm sido observadas” [tradução do autor deste trabalho], e que, de acordo com resultados, a habilidade em inferir

estados mentais dos outros, conhecida como Teoria da Mente, tem papel importante na interpretação de linguagem não literal.

Emerich e outros (2003) procuraram investigar a habilidade de adolescentes com Síndrome de Asperger ou com Autismo de Alto Funcionamento, comparados a grupo controle, na compreensão de material contendo humor. Tomaram uma amostra de oito sujeitos com um ou outro transtorno, não os diferenciando no relato do estudo, todos com idades entre onze e dezessete anos (nas discussões, os autores apontam como limitação do estudo, a pequena amostra). Os sujeitos tinham de escolher finais corretos, que seriam divertidos, para histórias em quadrinhos que lhes eram apresentadas. Como esperado, os adolescentes com Autismo e com Asperger tiveram uma compreensão significativamente mais restrita das histórias e do material contendo humor.

Estes são estudos fundamentais, que visam muitas vezes quantificar ou verificar substratos neurológicos e orgânicos de características que estão limitadas, lançando mão de gráficos, de tabelas e de amostragens com vários sujeitos, no intuito de apontar e listar dificuldades. No entanto, não pretendem ser uma compreensão do ser-no-mundo de alguém com o diagnóstico de Transtorno de Asperger, o que pode ser obtido de maneira mais matizada com uma compreensão como a que se pretende do personagem Christopher.

Portanto, a presente dissertação estruturar-se-á da seguinte maneira:

Primeiramente, uma exposição sobre o Transtorno de Asperger, como vem sendo comumente compreendido pelas abordagens neurocientíficas, com uma breve comparação de manifestações de Christopher com os critérios diagnósticos do DSM-IV-TR (capítulo 2.1), objetivando confirmar o que se diz na apresentação às edições brasileira e inglesa do romance: que ele é um adolescente com diagnóstico de Transtorno de Asperger.

Uma apresentação da *Daseinsanalyse* de Martin Heidegger, que será a abordagem a dar sustentação à compreensão do modo de ser-com os outros de Christopher, entendendo desde já que Heidegger aborda o fenômeno ser-com os outros como um aspecto ontológico, parte integrante do ser-no-mundo fundamental do ser humano (capítulo 2.2).

Exposição dos objetivos do trabalho (capítulo 3) e do método empregado para chegar-se a uma compreensão do modo de ser-com os outros de Christopher: apresentação do romance, e dos procedimentos do método fenomenológico de Giorgi (capítulo 4).

Em seguida, transcrições do que foi encontrado, na leitura do romance, que diz respeito às relações de Christopher com as pessoas, em palavras dele próprio (capítulo 5).

E, finalmente, uma compreensão daseinsanalítica e a articulação da estrutura do fenômeno ser-com os outros no personagem (capítulo 6), ao que se seguem as considerações finais (capítulo 7) e as referências (capítulo 8).

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

---



## **2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.**

### **2.1 - Transtorno de Asperger. Quadro Clínico, e uma comparação com manifestações de Christopher, segundo critérios do DSM-IV-TR**

O Transtorno de Asperger foi inicialmente descrito por Hans Asperger em 1944 (*Die Autistischen Psychopathen im Kindersalten*) em Viena, utilizando o termo Psicopatia Autística no sentido de uma anormalidade da personalidade. Falou em crianças inteligentes, com dificuldades acentuadas na socialização e com certas peculiaridades na fala. Não teve conhecimento dos trabalhos de seu conterrâneo Leo Kanner por muito tempo (*Autistic Disturbances of Affective Contact*), que um ano antes havia divulgado sobre um quadro semelhante em crianças na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. Mais tarde Asperger afirmaria que os casos descritos por ele diferiam muito dos descritos por Kanner; Asperger enfatizava a inteligência preservada, a excelente memória e o bom prognóstico (ARAÚJO, 2000; KLIN, 2006; SCHWARTZMAN, 1993).

Em 1981, na Inglaterra, Wing publicou um estudo com 34 sujeitos, com idades variando de cinco a trinta e cinco anos, e que apresentavam características descritas por Asperger, nomeando então o quadro como Síndrome de Asperger. A autora comenta que naquela época, os escritos de Asperger eram muito pouco conhecidos fora dos países de língua alemã. Também é importante frisar o registro da mesma autora de que percebe variações de caso a caso, e que é muito raro encontrar em uma pessoa todos os detalhes e características listadas para a síndrome.

A seguir, algumas das características encontradas por Asperger, conforme apontamentos de Wing (1981):

Fala: As crianças com a síndrome normalmente começam a falar na idade esperada. Pode haver dificuldades com o uso correto dos pronomes. Há tendência para fala pedante e a realizar uma espécie de tratado sobre um assunto favorito, podendo assim tornar a fala cansativa. Piadas não são compreendidas.

Comunicação não verbal: Expressividade facial restrita. Entonação da fala tende a ser monótona, ou exagerada. Comunicação gestual limitada. A compreensão das expressões e gestos dos outros também é limitada.

Interação social: O prejuízo na interação social está assentado na falta de habilidade para entender e utilizar as regras que governam o comportamento social, regras estas não escritas e em constante mudança, fazendo com que aspectos como fala, gesticulação, movimentação, contato visual e maneira de se vestir sejam diferentes do habitual. O comportamento social é peculiar e ingênuo. O comportamento intuitivo está ausente, prejudicando a adaptação e o entendimento das necessidades dos outros. Alguns são muito sensíveis a críticas e desconfiados. Uma minoria tem histórico de atitudes anti-sociais bizarras, talvez pela falta de empatia.

Atividades repetitivas e resistência a mudanças: Frequentemente gostam de girar objetos, observando-os até que o movimento cesse, de uma maneira muito mais ostensiva que o normal. Muito apegados a determinados pertences. Tendem a não se sentir bem fora dos ambientes familiares.

Coordenação motora: Costumam ser desajeitados, e muitos não vão bem em jogos que envolvam habilidades motoras. Essa dificuldade se manifesta também na inabilidade de escrever e de desenhar. Asperger comentou também sobre movimentos estereotipados.

Habilidades e interesses: Tipicamente possuem alguma habilidade, como excelente memória e forte interesse em alguns assuntos, como astronomia e genealogias de famílias reais, absorvendo toda informação que se refira aos mesmos. Falam sobre o assunto predileto ostensivamente, mesmo que o ouvinte não esteja interessado.

Experiências escolares: Ansiedade e preocupação por parte das crianças com Síndrome de Asperger, devidas a intimidações sofridas na escola. Para Asperger, as crianças tendem a seguir seus próprios interesses, a despeito do que a professora deseje passar aos alunos. Alguns se tornam bastante sensíveis quando na adolescência, principalmente, percebem as diferenças em relação aos outros.

Wing (1981) descreveu características adicionais percebidas por ela, não levantadas por Asperger, as quais poderiam, muitas vezes, ser levantadas por um bom questionário junto aos pais: Durante o primeiro ano de vida, pode haver falta de interesse e prazer na companhia humana. O balbucio pode estar limitado em qualidade e em quantidade. A criança pode não dar atenção ao que ocorre à sua volta. Pode não trazer seus brinquedos para mostrar a seus pais ou visitantes. Em muitas crianças com a síndrome, brincadeiras de “faz de conta” não acontecem, e naqueles em que acontece, fica restrita a um ou dois temas, com uma encenação repetitiva e sem variação. Dificilmente a brincadeira envolve outra criança, a menos que esta outra esteja disposta a seguir exatamente o programado.

Wing (1981) revela discordância com Asperger em dois pontos: O primeiro se refere a Asperger haver falado em habilidades lingüísticas altamente sofisticadas, e em relação especialmente íntima com a fala, além de defender que o desenvolvimento da fala ocorreria antes do desenvolvimento do andar. Mas a autora observa que muitas das pessoas estudadas por ela andaram na idade prevista e demoraram a falar. Além disso, ela advoga que, apesar de bom uso gramatical e bom vocabulário, “[...] o conteúdo da fala é empobrecido [...]” (WING,

1981, p. 117)”. Em segundo lugar, Asperger descreveu pessoas com a síndrome como sendo capazes de originalidade e criatividade em seus campos de atuação, e acreditava que eram pessoas muito inteligentes, mas não citou resultados de testes de inteligência para dar suporte a esta afirmação.

A condição está classificada no DSM-IV-TR (AMERICAN PSYQUIATRIC ASSOCIATION, 2003) como Transtorno de Asperger, sob o código alfa numérico F 84.5, um dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, e na CID 10 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1997) como Síndrome de Asperger, código 299.80. Não foi reconhecida como entidade clínica até o advento dessas duas publicações, no início da década de 90’.

Tomando o DSM IV-TR (2003) como referência, juntamente com o Transtorno de Asperger, sob a classificação Transtornos Globais do Desenvolvimento, são encontrados também: o Transtorno Autista, o Transtorno de Rett, o Transtorno Desintegrativo da Infância e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação. As características comuns dos Transtornos Globais, segundo o manual americano (2003, p. 98) são “[...] um comprometimento grave e global em diversas áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação ou presença de estereotípias de comportamentos, interesses e atividades”.

O manual considera ainda que os Transtornos Globais são por vezes observados conjuntamente com outras condições médicas, tais como anormalidades cromossômicas, infecções congênitas, anormalidades nas estruturas do sistema nervoso central e retardo mental.

O DSM-IV-TR (2003, p. 111) enfoca os seguintes critérios ao descrever o Transtorno de Asperger (será apresentada uma manifestação do personagem Christopher condizente com

o referido critério, entre parêntesis e em negrito. As páginas da edição brasileira do romance em que aparecem as manifestações serão referenciadas, quando for o caso):

A. Comprometimento qualitativo da interação social, manifestado por pelo menos dois dos seguintes quesitos:

(1) Comprometimento acentuado no uso de múltiplos comportamentos não verbais, tais como contato visual direto, expressão facial, posturas corporais e gestos para regular a interação social.

**(Páginas 10-1 do Romance: Christopher comenta sobre suas dificuldades em compreender expressões faciais, tendo chegado a lançar mão de diagramas com expressões para que pudesse usar como uma espécie de tradutor. Ele escreve: “Mas era muito difícil saber qual dos diagramas representava as caras que eles [as pessoas] faziam porque elas [as expressões faciais] mudavam muito depressa”).**

(2) Fracasso para desenvolver relacionamentos apropriados ao nível de desenvolvimento com seus pares.

**(Fica claro, ao longo do romance, que Christopher não desenvolve amizade com nenhum dos colegas de sua escola, que não possui intimidade com ninguém).**

(3) Ausência de tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas (por exemplo, não mostrar, trazer ou apontar objetos de interesse a outras pessoas).

**(Não há presença em Christopher de busca espontânea, prazerosa, ávida no sentido de busca de aconchego, pelo contato com um outro).**

(4) Ausência de reciprocidade social ou emocional.

**(Página 63: quando a vizinha Senhora Alexander, simpaticamente, o convida para entrar em sua casa para tomar um chá, após uma conversa no portão, Christopher responde secamente: “Eu não entro na casa de outras pessoas”).**

B. Padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades, manifestado por pelo menos um dos seguintes quesitos:

(1) Insistente preocupação com um ou mais padrões estereotipados e restritos de interesses, anormal em intensidade ou foco.

**(Ele tem interesse fora do comum por números primos, tanto que os capítulos são numerados apenas com números desta natureza. E gosta muito de resolver problemas matemáticos, como equações de segundo grau).**

(2) Adesão aparentemente inflexível a rotinas e rituais específicos e não funcionais.

**(Páginas 70-1: Algumas manifestações do que chama de “problemas comportamentais”: “Recusar a usar minha escova de dentes se alguém mais tocar nela. Ficar perturbado quando alguém muda a mobília de lugar”).**

(3) Maneirismos motores estereotipados e repetitivos (p. ex, dar pancadinhas ou torcer as mãos ou os dedos, ou movimentos complexos de todo o corpo).

**(Páginas 270-1: A mãe diz a ele que terá de adiar o exame avançado de matemática, o qual ele sonha fazer. Neste momento, “Meu peito começou a doer novamente, eu dobrei meus braços e fiquei balançando para trás e para frente e gemendo”).**

(4) Insistente preocupação com partes de objetos.

**(Página 63: A vizinha Senhora Alexander explica a ele como é o bolo *Battenberg*, dizendo que “Tem quatro quadrados rosas e amarelos no meio e tem glacê de marzipã ao redor, na beirada”. Christopher então pergunta: “É um bolo grande com uma seção quadrada no meio que é dividida em quadrados coloridos alternadamente de igual tamanho?” Não resta dúvida, durante a leitura, de seu detalhismo excessivo ao fornecer descrições, chegando por vezes a lançar mão de ilustrações, como, por exemplo, o “mapa” da estação de trem – página 191).**

C. A perturbação causa comprometimento clinicamente importante nas áreas social, ocupacional ou outras importantes de funcionamento.

**(Em várias passagens, Christopher manifesta seu profundo desagrado em estar com muita gente, como fica claro, por exemplo, na carta que lê, da mãe, na qual ela diz “Você ficou amedrontado por causa da quantidade de gente na loja” – página 146).**

D. Não existe um atraso geral clinicamente importante na linguagem (por exemplo, utiliza palavras isoladas aos dois anos, frases comunicativas aos três anos).

**(Não é feita menção a algum atraso no desenvolvimento da linguagem no personagem).**

E. Não existe um atraso clinicamente importante no desenvolvimento cognitivo ou no desenvolvimento de habilidades de auto cuidado próprios da idade, no comportamento adaptativo (outro que não na interação social) e na curiosidade acerca do ambiente na infância.

**(Ele sabe ler e escrever. Ele, por exemplo, vai ao banheiro sem ajuda – como quando está no trem para Londres - e dá comida a seu *hamster* de estimação. Comenta que vai sozinho à loja que fica em sua rua).**

F. Não são satisfeitos os critérios para outro Transtorno Global do Desenvolvimento ou Esquizofrenia.

**(Analise-se brevemente – sem pretender listar todas as diferenças - porque não poderia ser diagnosticado como outro Transtorno Global do Desenvolvimento ou com Esquizofrenia: o Transtorno de Rett foi diagnosticado somente no sexo feminino. O Transtorno Autista revela atraso significativo no desenvolvimento da linguagem – se bem que no DSM-IV-TR lê-se à página 110 que: “A diferenciação das duas condições pode ser problemática em alguns casos”. No Transtorno Desintegrativo da Infância fala-se em graus acentuados de retardo mental e significativo comprometimento da linguagem e da comunicação.**

**Finalmente, na Esquizofrenia, observam-se características como alucinações, delírios e discurso desagregado).**

Salientando as relações deste Transtorno com o Transtorno Autista, Assumpção Jr. (1995, p.129) comenta que “Sua relação com o Autismo é discutível, com a possibilidade de o enquadrarmos [grupo de indivíduos com Asperger] dentro do chamado espectro autístico descrito por Wing (1988)”. Mas é necessário pensar esta condição em suas especificidades em relação ao Autismo propriamente dito, que também possui categorias nosográficas específicas no DSM-IV-TR (2003) e na CID 10 (1997): Transtorno Autista e Autismo Infantil, respectivamente.

As descrições de ambas publicações procuram traçar as diferenças básicas entre os dois quadros. Para esta última (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1997, p. 369) a Síndrome de Asperger é um:

Transtorno de validade nosológica incerta, caracterizado por uma alteração qualitativa das interações sociais recíprocas, semelhante à observada no autismo, com um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Ele se diferencia do autismo essencialmente pelo fato de que não se acompanha de um retardo ou de uma deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo. Os sujeitos que apresentam este transtorno são em geral muito desajeitados. As anomalias persistem freqüentemente na adolescência e idade adulta. O transtorno se acompanha por vezes de episódios psicóticos no início da idade adulta.

Em relação ao que se tem discutido sobre possíveis causas da Síndrome de Asperger, Ishijima e Kurita (2007), em estudo com gêmeos idênticos, ambos preenchendo todos os critérios tanto para a CID-10 como para o DSM-IV-TR para o Transtorno, inclusive o de não

haver atrasos significativos no desenvolvimento da linguagem, afirmam que estudos sobre a herança genética da síndrome são escassos, apesar de o próprio Hans Asperger ter sugerido um padrão familiar. Os mesmos autores comentam que os Transtornos Globais do Desenvolvimento ou Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, categorias que englobam o Autismo Infantil e o Transtorno de Asperger, são considerados grupos com prováveis etiologias genéticas para suas patologias. Estudos vêm destacando o status de condição neurobiológica do Transtorno de Asperger (KORPILAHTI e outros, 2007; LOUKUSA e outros, 2007).

Sendo consenso que há dificuldades na interação social e na comunicação, e âmbito restrito de interesses, os três critérios fundamentais para pelo menos uma suspeição de presença de um Transtorno Global do Desenvolvimento, discute-se atualmente se o déficit primário nestes distúrbios seria de ordem cognitiva ou de ordem afetiva.

Segundo Assumpção Jr. (1997, p. 19) tanto o DSM-IV-TR (2003) quanto a CID-10 (1997) partem da premissa de que nos Transtornos Globais do Desenvolvimento a “[...] gênese (sob o ponto de vista compreensivo) é uma alteração cognitiva”. Para ele, o ser humano parte de uma indiferenciação inicial e gradativamente estabelece relações com o meio, relações que são impulsionadas por movimentos afetivos e instrumentalizadas por mecanismos cognitivos:

A partir dessas dificuldades no relacionamento com o ambiente circunjacente, quer a partir de déficits de tipo afetivo, quer a partir de uma instrumentalização cognitiva deficitária, instaura-se o Autismo e seu cortejo sintomatológico. (ASSUMPCÃO JR., 1997, p. 19).



Em relação a aspectos afetivos, Araújo (1997, p. 57), discutindo os fenômenos observados em pessoas com Transtorno de Asperger, dirá que nas mesmas “[...] não se observa o apaixonamento pelo outro, característica humana observável desde o início da vida”. Ela argumenta que, para a Psicologia Analítica Junguiana (escola teórica da psicologia por ela estudada), “[...] o desejo pelo outro não ocorre pela ausência do espaço da falta. Não se cria o espaço entre um eu e um outro, para que se sinta falta do outro e em função da falta se deseje o outro (1997, p. 56)”.

Quanto a aspectos cognitivos, Baron-Cohen, Frith e Leslie (1985) utilizaram-se de experimento em que sujeitos com Autismo, sujeitos com Síndrome de Down e sujeitos normais tinham de responder sobre a “crença” de uma boneca acerca de onde estava sua bolinha, que havia sido retirada de uma cesta e colocada em uma caixa, sem que a boneca pudesse ver a retirada, pois ela saía momentaneamente da cena. Os sujeitos tinham de responder sobre onde a boneca procuraria sua bolinha ao voltar à cena, e os autores do estudo perceberam que 85% das crianças normais e 86% das crianças com Síndrome de Down responderam de maneira correta, ou seja, que a boneca procuraria a bolinha na cesta. Mas 80% das crianças com Autismo erraram, o que equivale a dizer que afirmaram que ela procuraria a bolinha na caixa, e que portanto não supõem a diferença entre a crença delas próprias e a “crença” da boneca. Considerando-se a existência de um espectro autístico, dentro do qual seriam incluídos os sujeitos com Transtorno de Asperger, admite-se que os mesmos também têm dificuldades na compreensão de estados mentais alheios.

Os mesmos autores (1985, p. 43), concluem que:

Nossos resultados apóiam fortemente a hipótese de que crianças com Autismo formam um grupo que falha no emprego de uma Teoria da Mente. Nós pretendemos explicar essa falha como uma inabilidade para representar estados mentais. Como

resultado disso os sujeitos com Autismo são inaptos para atribuir crenças aos outros, e isso consiste em uma desvantagem quando é necessário prever o comportamento de alguém [tradução do autor deste trabalho].

Frith (1989, apud Araújo, 1997) apontou a falta de uma Teoria da Mente nos sujeitos com Transtorno de Asperger. Haveria um déficit das funções mentais ligadas à meta-representação, o que implicaria em estes sujeitos conseguirem desenvolver conceitos sobre o mundo (representações primárias), mas haveria prejuízo na aquisição de representações secundárias, alterando o processo de desenvolvimento de crenças sobre estados mentais alheios e impossibilitando a previsão do comportamento do outro.

Caixeta e Caixeta (2005), lembrando que o termo Teoria da Mente surgiu dentro da primatologia, na busca de investigar se primatas não hominídeos apresentariam “algum grau” de Teoria da Mente, afirmam que:

[...] a teoria da mente não é entendida como um fenômeno tudo ou nada, isto é, uma habilidade que existe ou inexistente. Antes, é encarada como uma aquisição evolutiva que foi progressivamente sofrendo os processos de lapidação pela forças da pressão seletiva (CAIXETA e CAIXETA, 2005, p. 18).

Em relação a dificuldades em interação social e comunicação, cabe uma aproximação maior, a partir da visita a alguns textos.

Klin (2006, p. 9-10) afirma que não há atraso clinicamente significativo na linguagem falada ou na percepção da linguagem. Ele escreve que “[...] significativas anormalidades na linguagem [...]” não são comuns nesses sujeitos, mas passará a descrever três aspectos de interesse clínico nos padrões de comunicação dos mesmos. Primeiramente explica as

possibilidades de empobrecimento da prosódia, padrões de entonação restritos, com pouca relação com os contextos comunicados, modulação pobre do volume da voz, velocidade de fala incomum e falta de fluência, exemplificada pela fala entrecortada. A seguir, comenta sobre o estilo de conversação em monólogo e egocêntrico, exemplificado na tendência a falar incansavelmente sobre um assunto predileto, a incapacidade de fornecer a origem dos comentários e a dificuldade em demarcar a mudança de assunto. E, por último, ressalta a frequência com que se nota verbosidade no estilo de comunicação, sem que haja aparente preocupação com o interesse do interlocutor.

Caixeta e Caixeta (2005, p. 82) ressaltam que crianças com Transtorno de Asperger podem ter retardo na aquisição da linguagem, apontando problemas com o pragmatismo, com a semântica e com a prosódia. Os autores (2005, p. 85) explicam

[...] a dificuldade que os Asperger têm com o *shifting*, ou seja, com a mudança de um paradigma contextual para outro paradigma; eles não conseguem colocar algo implícito entre um paradigma e outro, eles permanecem aferrados ao concretismo do discurso.

Dada a importância dos problemas com pragmatismo, semântica e prosódia, cabe um breve parêntese. Segundo Schirmer, Fontoura e Nunes (2004), quatro sistemas interdependentes (pragmático, fonológico, semântico e gramatical) estão envolvidos no processo de aquisição da linguagem. O pragmático diz respeito ao uso comunicativo da linguagem num contexto social; o fonológico envolve a percepção e a produção de sons para formar palavras (aqui entra a prosódia); o semântico concerne à compreensão dos significados das palavras; e o gramatical diz respeito às regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases com sentido.

Araújo (1997) faz referência à chamada disfunção pragmática prosódica em sujeitos com Transtorno de Asperger.

Schwartzman (1993, p. 11), destacando dificuldades encontradas no Transtorno comenta que:

Embora muito falantes, geralmente apresentam prejuízos bastante evidentes na produção e conteúdo do discurso. Sua fala é pedante, utiliza-se de palavras e frases aprendidas e repetidas de forma mais ou menos estereotipada. O uso de frases muito rebuscadas contrapõe-se, freqüentemente, a dificuldades na compreensão de palavras muito simples e de uso corriqueiro. A compreensão verbal está sempre prejudicada e demonstram uma compreensão muito literal do que lhes é dito (SCHWARTZMAN, 1991).

Por tudo colocado, é possível pensar em um certo estranhamento da pessoa com diagnóstico de Asperger com o que encontra, em uma falta de intimidade com os outros, de uma forma geral.

A este respeito, comenta Araújo (1997, p. 54):

Apesar da adequação conseguida nos relacionamentos interpessoais, crianças, adolescentes e adultos com Síndrome de Asperger mantêm sempre a impressão de estranheza que dá, aos interlocutores normais, a sensação perturbadora de que estão interagindo com alguém que está à margem do padrão cultural, que pertence a um mundo diferente.

Nesta dissertação, o que está se buscando é uma aproximação com a maneira como Christopher está no mundo, buscando colocar-se no lugar dele e compreender seu ser-com os

outros, entendendo-o também como alguém que se manifesta de forma a poder receber o diagnóstico de Transtorno de Asperger, segundo a psiquiatria.

Está se passando a uma abordagem fenomenológica e daseinsanalítica, aproximando o mundo de um personagem a partir de sua própria ótica, procurando descrever seu ser-com os outros, suspendendo (em sentido fenomenológico), momentaneamente, os não menos valiosos conhecimentos advindos das neurociências.

## 2.2 A Daseinsanalyse de Martin Heidegger.

Martin Heidegger tratou de *Daseinsanalyse* mais diretamente em *Ser e tempo*, de 1927, e nos *Seminários de Zollikon*, editados a partir das transcrições de encontros de Heidegger com médicos, entre 1959 e 1969, juntamente com diálogos entre ele e Medard Boss e com cartas enviadas por Heidegger ao mesmo.

Segundo Cardinalli (2004), em *Ser e tempo*, Heidegger faz uma explanação sobre o ser humano enquanto *Dasein*, tendo este termo, no pensamento dele, o sentido de ser-aí, enquanto que nos *Seminários* procura dar indicações para uma prática clínica daseinsanalítica.

É importante atentar mais precisamente para os sentidos em que Heidegger fala em *Daseinsanalyse*. Em *Ser e tempo*, *Daseinsanalyse* significa a apresentação das características ou existenciais do *Dasein*, com vistas a investigar fenomenologicamente o sentido de Ser em geral, sendo portanto uma ontologia fundamental. Nesta dissertação, *Daseinsanalyse* está empregada no sentido de “[...] comprovação e descrição de fenômenos que se mostram factualmente, em cada caso, em um determinado *Dasein* existente (HEIDEGGER, 2001, p. 151)”, como o filósofo procura exercitar nos *Seminários de Zollikon*, ou seja, uma ciência ôntica.

A busca do filósofo em *Ser e tempo* é pela compreensão do sentido de Ser em geral. Inicia a obra procurando resgatar o que diz ser uma pergunta esquecida pela filosofia e sua história: a pergunta pelo sentido de Ser. O que quer dizer afirmar que algo é, o que significa Ser, dizendo que essa questão foi perdida, e convidando a perceber a diferença entre Ser e ente. Ele pergunta (1993, p. 24, Parte I): “Será que hoje estamos em aporia por não compreendermos a expressão Ser? De forma alguma. Assim, trata-se de despertar novamente uma compreensão para o sentido dessa questão”.

Heidegger está preocupado em pensar o Ser dos entes, das coisas, não com as características dos mesmos, como peso, cor, comprimento, largura e altura

Nos *Seminários*, ele explicita o que buscava em *Ser e tempo*: “Até agora, se questionava o ente com referência a seu Ser. Em *Ser e tempo* a pergunta não é mais pelo ente como tal, mas pelo Ser como tal, pelo sentido do Ser em geral, pela abertura de Ser possível (HEIDEGGER, 2001, p. 145)”. Ele prossegue dizendo que

O começo de todo o meu pensamento origina-se numa frase de Aristóteles que diz que o ente é expresso de múltiplas maneiras. Na verdade esta frase foi a faísca que provocou a pergunta: qual é a unidade destes significados múltiplos de Ser; na verdade, o que significa Ser? (HEIDEGGER, 2001, p. 145).

Pesquisando o que os gregos “[...] entendiam de antemão, sem refletir especialmente sobre isso, por Ser (HEIDEGGER, 2001, p. 145)”, conclui que os mesmos compreendiam o Ser como tal no sentido de presença, sendo evidente neste entendimento a implicação do tempo, “Pois presença é uma palavra que diz respeito a tempo (HEIDEGGER, 2001, p. 145)”.

A questão sobre quem é o homem, de como é, é tratada em *Ser e tempo* a partir da questão do sentido de Ser.

Qual é o ente privilegiado que faz a pergunta pelo Ser? Heidegger (1993) fará em *Ser e tempo* uma investigação fenomenológica sobre o ser fundamental daquele que pergunta pelo Ser. Está falando do ser humano, o qual será chamado de *Dasein* nessa obra. *Dasein*, do alemão, termo pelo qual Heidegger quer significar ser-aí, lançado no mundo, sempre num movimento para fora, já no mundo com os outros e com as coisas. Com o termo *Dasein*, Heidegger busca a superação de uma idéia de entrada em relação do homem com o mundo,

homem e mundo, de certa forma, estranhos um ao outro, até que uma ligação entre os mesmos fosse feita. Há sempre uma habitação prévia, uma intimidade, pois homem e mundo não são nunca duas instâncias separadas, e nem mesmo separáveis. Questionando esse suposto estranhamento e a imparcialidade do conhecimento, pergunta (HEIDEGGER, 1993, p. 99, Parte I):

Como este sujeito que conhece sai de sua esfera interna e chega a uma outra esfera, a externa? Como o conhecimento pode ter um objeto? Como se deve pensar o objeto em si mesmo de modo que o sujeito chegue por fim a conhecê-lo?

Importante atentar para a observação de que o *Da* do termo *Dasein* não significa um a definição de lugar, “[...] mas indica a abertura na qual o ente pode estar presente para o homem, inclusive ele para si mesmo (HEIDEGGER, 2001, p. 146)”.

Então Heidegger (1993) investiga fenomenologicamente o ser do ser humano, já que este é o ente totalmente diferenciado de qualquer outro, é o que pergunta pelo Ser. Como é o ser humano? O que lhe é mais essencial, mais fundamental, quando não entendido como corpo, objeto, máquina, antes de aproximá-lo metafisicamente?

Abrindo-se um parêntese, sobre a fenomenologia Chessik (1997, apud Moreira, 2002, p. 66-7) coloca que:

A fenomenologia - tal como empregada por Husserl - pretende retornar aos supostos dados primordiais da experiência, os quais mostram-se a si próprios na forma em que se mostram. Os fenômenos assim definidos são sempre anteriores a nossas teorias e conceitos; eles são imediatos, mas não são meras “aparências”, porque as aparências sempre são “aparência de alguma coisa”, enquanto os fenômenos são essa alguma coisa que se mostra a si própria: eles são primários, eles são o que são.



Discípulo de Husserl, fundador da fenomenologia, Heidegger toma a mesma como método de investigação do Ser dos entes, seu sentido, suas modificações, alertando para o fato de que o Ser pode se encobrir e que fazer fenomenologia é tirar o Ser do esquecimento, procurando um olhar mais originário para o que se mostra. Fenomenologicamente investiga as estruturas essenciais do *Dasein*, para isso descrevendo o mundo fático cotidiano em que o ser humano acontece.

Grato a seu mestre, Heidegger escreve que “As investigações que se seguem [em *Ser e tempo*] são apenas possíveis na base estabelecida por E. Husserl, cujas *Investigações Lógicas* fizeram nascer a fenomenologia (HEIDEGGER, 1993, parte I, p. 69)”.

Cardinalli (2004, p. 62) comenta que Heidegger “[...] retoma o significado grego da palavra fenomenologia, assinalando que ela vem de *phanesthai*, que significa mostrar-se, clarear, sair do mistério recôndito para o aberto e, neste, se exibir”.

Como exemplo de possível encobrimento, nos *Seminários de Zollikon* (HEIDEGGER, 2001) há críticas a concepções psicanalíticas que por vezes fazem do homem um sujeito portador de um aparelho psíquico dividido em instâncias, tomando de empréstimo uma concepção mais própria às ciências físicas. Seria o mais essencial do ser humano um aparelho composto por id, ego e super ego? Nesse caso, o ser mais próprio do homem poderia estar encoberto por um olhar que não o mais afeito a seu modo de ser. Por exemplo, um participante dos seminários comenta como “Freud queria transferir a causalidade das ciências naturais para o psíquico. Chegou assim à idéia de um aparato, de uma concepção mecanicista (HEIDEGGER, 2001, p. 48)”.

Em outro momento, já na parte do livro *Seminários de Zollikon* que consiste das transcrições de diálogos com Boss, Heidegger questiona o conceito de pulsão para explicar os fenômenos humanos:

As tentativas de explicação de fenômenos humanos a partir de pulsões têm o caráter metódico de uma ciência, cuja matéria não é o homem, mas sim a mecânica. Por isso, é fundamentalmente discutível se um método tão determinado por uma objetividade não humana pode mesmo ser apropriado para afirmar o que quer que seja sobre o homem *qua* homem (HEIDEGGER, 2001, p. 192).

Buscando explicitar a utilização do método fenomenológico em *Ser e tempo* Heidegger (1993, parte I, p. 66) afirma que:

O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o Ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. Pois, o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer e, muito menos, uma manifestação. O Ser dos entes nunca pode ser uma coisa “atrás” da qual esteja outra coisa “que não se manifesta”. “Atrás” dos fenômenos da fenomenologia não há absolutamente nada, o que acontece é que aquilo que deve tornar-se fenômeno pode-se velar. A fenomenologia é necessária justamente porque, de início e na maior parte das vezes, os fenômenos não se dão. O conceito oposto de “fenômeno” é o conceito de encobrimento.

Para ele, a essência fundamental do homem é a existência, termo derivado do latim *ek-sistere*, que justamente significa movimento para fora, estar além de si. O homem é aquele que não tem seu ser conformado aos limites de seu corpo, e que não está nunca encerrado num instante presente. Pelo contrário: está sempre num emaranhado de relações significativas e sempre a caminho, inquietado. O homem nunca está presente como uma coisa, como um

objeto, nem mesmo como um animal. Há uma diferença ontológica fundamental com qualquer outro ente.

Antes de compreender o homem com um ente passível de segmentação, de medição, de avaliação, antes de compreendê-lo como um objeto, é importante olhar para o que há de mais essencial nele.

Numa crítica a maneira mais comum de aproximar o ser humano cientificamente, Heidegger (2001, p. 53) diz que:

A ciência natural só pode observar o homem como algo simplesmente presente na natureza. Surge a questão: seria desta forma possível atingir o ser-homem? Dentro deste projeto científico-natural só podemos vê-lo como ente natural, quer dizer, temos a pretensão de determinar o ser-homem por meio de um método que absolutamente não foi projetado em relação à sua essência peculiar.

Explicitando o termo *Dasein*, o *Da* do *Dasein* é entendido como uma abertura essencial do existir humano. *Dasein* é o estar aberto que possibilita perceber e compreender a totalidade de significados de tudo o que é encontrado no mundo. Na abertura que é o homem, os entes podem estar presentes para ele, inclusive ele para si próprio.

Compreensão de Ser é sempre possibilidade, apenas possibilidade. O Ser de uma coisa não coincide com a coisa mesma, mas acontece, se dá, se oferece ao *Dasein*.

Para Heidegger, tempo é o horizonte para o qual o homem está sempre voltado e a partir do qual compreende e interpreta o Ser, o mundo: “A relação com o tempo que temos não é nenhuma relação ligeira, diminuta, mas sim justamente, é a que sustenta nossa morada no mundo (HEIDEGGER, 2001, p. 93)”.

O filósofo demonstra a impermanência do Ser, de tudo que é. E o ser humano é aquele que se depara não só com a impermanência de tudo, pois toda compreensão é apenas um projetar de possibilidade para um ente, mas antes, com sua própria impermanência, com sua finitude, com sua mortalidade sempre presente. Desde sempre *Dasein*, todos nós, já alcançamos e convivemos com o nosso fim, e isso impregna todas as nossas ações, sonhos e projetos de vida.

A análise do *Dasein*, realizada por Heidegger em *Ser e tempo* consiste na explicitação das estruturas que são ontologicamente inerentes ao homem, chamadas Existenciais: Temporalidade, Espacialidade, Ser-Com os Outros, Disposição (ou Afinação), Compreensão, Cuidado (ou Cura), Queda e Ser Mortal. Todo ser humano descobre tempo e espaço originariamente, antes de qualquer objetivação ou medição dos mesmos. Está indissociavelmente com os outros, mesmo que escolha viver só e isolado. Sempre compreende Ser, e compreende numa disposição, não há uma sem a outra. É sempre cuidado, ou seja, se ocupa de coisas, se preocupa com os outros e com isso trata de tornar viável um projeto de vida seu. Por sentir o peso de sua condição, que lhe é difícil suportar, é uma queda nos convívios da impessoalidade, com o fito de descansar da condição que lhe sabe mais fundamental. E sua finitude paira constantemente sobre si.

Os existenciais não são características observáveis em apenas alguns seres humanos. Heidegger defende que cada ser humano é fundamentalmente dessa maneira, e a partir disso constrói esta ou aquela biografia particular.

Quando se refere ao caráter existencial de ser-no-mundo do *Dasein*, o vocábulo mundo neste caso não se refere à reunião ou totalidade de coisas ou entes existentes, mas às relações em que concretamente cada *Dasein* se encontra. No mundo se manifestam as coisas, o Ser das coisas e os sentidos.

Com a expressão ser-no-mundo, Heidegger (1993) procura se referir a um fenômeno de unidade, um fenômeno originário. Mundo não é uma região geográfica determinada, mas a totalidade de relações significativas em que cada pessoa se encontra.

O ser humano não encontra meros objetos, itens desprovidos de significado, para então dar um significado aos mesmos. Encontra, sim, as coisas remetidas umas às outras, descobrindo uma rede significativa. Por exemplo, um aluno descobre a cadeira na sala de aula como sendo para sentar, para assistir aula, que logo vai começar, para a qual teve que trazer uma lição; descobre mesmo uma cena preta de significados, e não objetos isolados, os quais teria então de unir através de uma operação mental. O ser humano habita um mundo que já lhe é dado previamente.

Como consequência, “[...] o ser-no-mundo constitutivo do *dasein* já descobriu sempre um espaço (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 161)”. *Dasein* compreende o espaço na medida em que é, encontrando originariamente o longe, o perto, o opressor, o vazio, o aconchegante, entre outras possibilidades, antes de medi-lo ou calculá-lo.

A disposição fundamental do *Dasein*, segundo Heidegger, é Angústia, que significa o estar no mundo com as coisas e com os outros sempre de modo provisório, com compreensões também provisórias, por serem apenas e tão somente projetos. Ser humano é afirmar constantemente Ser frente à intuição constante do não ser.

Para Heidegger, o ser humano está sempre num estado de ânimo, sempre numa determinada disposição, “O fato de os humores poderem se deteriorar e transformar diz somente que o *Dasein* já está sempre de humor (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 188)”, refutando a concepção de que se trataria de um estado interior que posteriormente poderia se exteriorizar.

Segundo Heidegger, o fenômeno do medo ou temor é um derivado do que considera a disposição fundamental do ser humano: Angústia. Por exemplo, sente-se medo de um ladrão, de ser assaltado, mas pelo que se teme? Pela própria existência, sempre provisória, ameaçada. O medo ou temor seria, portanto, a angústia caída no mundo, pacificada porque localizada especificamente aqui ou acolá, enquanto que na angústia é o próprio Ser que é sentido como está.

Para ele, o ser humano não suporta sua própria condição, há sempre um desconforto com ser o que se é, e não é um desconforto que advenha originariamente de algum problema ou dificuldade na vida concreta. O filósofo coloca que (1993, p. 254, Parte II) “O não sentir - se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário”.

Ao perceber que tem um tempo, que não durará eternamente, *Dasein* providencia sua vida. Heidegger dirá que o ser do *Dasein* é *Cura*, que quer dizer cuidado, em latim. Cuida de si, de tornar sua vida um projeto viável, de sustentar Ser (deve-se entender que não há um juízo valorativo quando se fala desse nível de *cura* – cuidado).

A noção de *cura* abarca o que Heidegger chama de preocupação, que se refere à relação de um *Dasein* com outro (também se deve entender que não há um juízo do que seja uma preocupação positiva, pois se trata de uma ontologia fundamental), e o que chama de ocupação, termo usado para dar conta da relação com os objetos.

Como se relaciona o ser humano com o tempo? Para Heidegger, o ser humano se empenha em projetos de vida descobrindo originariamente sua finitude, podendo inclusive engajar-se, por exemplo, em um credo religioso que apregoe a vida eterna. Pode medir o tempo em minutos, dias, anos, por já ter descoberto sua finitude, e somente por isso. O tempo

é para este filósofo o fundamento primordial a partir do qual o ser humano pode descobrir Ser.

Na vida concreta, de cada ser humano em particular, a temporalidade

[...] pode se temporalizar em diferentes possibilidades e em diferentes modos. As possibilidades fundamentais da existência, propriedade e impropriedade do *Dasein*, fundam-se, ontologicamente, em possíveis temporalizações da temporalidade (HEIDEGGER, 1993, Parte II, p. 96).

Exemplificando, pode-se imaginar alguém que se aproprie de sua finitude e que providencie seus projetos de vida sempre a partir desse horizonte, e imaginar um outro alguém que viva como se estivesse dispensando a si próprio de tomar decisões, contando que tudo pode ser deixado para depois.

Boss e Condrau (1976, p. 17) comentam sobre a temporalização na pessoa entediada, a qual permanece basicamente indiferente a tudo:

Sentem o tempo comprido. Não existe mais nem verdadeiro futuro, nem passado rico em experiência, nem presente cheio de sentido para aqueles que se entediam. Essa três dimensões ou momentos temporais *ek-státicos* tornam-se relações que não lhe dizem mais nada.

No pensamento heideggeriano, tempo não é pensado como seqüência de momentos, como uma coisa dentro da qual o homem estaria; esta é somente uma compreensão imprópria de tempo, derivada da experiência originária de tempo. Pois o ser humano abre

originariamente tempo, estando sempre a caminho de... enquanto acontece historicamente. Reúne sempre futuro, presente e passado.

Heidegger não era alheio a questões do adoecer humano, muito pelo contrário. Entre 1959 e 1969, visitou a casa de Medard Boss, que iniciara décadas antes sua carreira como médico e analista, tendo inclusive feito análise com Freud em Viena. As visitas eram motivadas por seminários organizados por Boss, seminários proferidos pelo filósofo alemão a médicos e estudantes de psiquiatria. Segundo comenta Boss (2001, p. 11) no prefácio à primeira edição do que foi publicado como *Seminários de Zollikon*,

Um dia, o próprio Heidegger confessou que desde o início tivera grandes expectativas da ligação com um médico que parecia compreender seu pensamento. Ele via a possibilidade de que seus *insights* filosóficos não ficassem limitados às salas dos filósofos, mas pudessem beneficiar um número muito maior de pessoas, e principalmente pessoas necessitadas de ajuda.

O pensamento heideggeriano contido em sua obra mais conhecida, *Ser e tempo*, e nos *Seminários de Zollikon*, tem se mostrado valioso instrumento na compreensão do existir humano, compreensão da existência saudável e do existir doente. O filósofo preocupou-se em mostrar o que caracteriza o **adoecimento humano enquanto adoecimento próprio desse ser que é o homem** [grifo do autor da dissertação], nesta última publicação, que culminou de uma proximidade com Boss.

Nos Seminários, em um dos diálogos com Boss, Heidegger, de maneira bastante oportuna, coloca que (vindo a colocação ao encontro das pretensões desta dissertação):



Para que sejamos capazes de explicar geneticamente como um estado patológico surgiu, é preciso esclarecer antes o que este estado patológico é, em si mesmo. Enquanto isto não for esclarecido, todo querer explicar pela genética de modo algum focaliza tematicamente aquilo que deve ser esclarecido. Todo explicar pressupõe o esclarecimento da essência daquilo que deve ser explicado (HEIDEGGER, 2001, p. 226).

Nesta dissertação: O que significa a condição Transtorno de Asperger enquanto condição propriamente humana? É necessário antes compreender o que significa um adoecimento que se conhece pelo nome Transtorno de Asperger, enquanto adoecimento humano.

Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger fornece indicações para uma *Daseinsanalyse* clínica, para pensar e compreender cada caso em particular a partir dos fundamentos essenciais do ser humano. Afirma que os modelos de investigação das ciências naturais estão presentes na medicina, na psiquiatria e na psicologia; sendo sem dúvida fundamentais para o avanço científico e para o bem estar humano, seriam suficientes para compreender o homem de forma mais integral?

Segundo o biógrafo Safranski (2000, p. 471- 472), em Zollikon “Heidegger tentou pela primeira vez tornar compreensíveis perturbações psíquicas com ajuda dos conceitos fundamentais da análise do *Dasein* de *Ser e tempo*” e que ele “[...] sempre retorna ao fato de que a maioria das enfermidades psíquicas pode ser compreendida como uma **perturbação do existir no sentido mais literal** [grifo do autor da dissertação]: o suportar a relação aberta com o mundo não funciona”.

No Seminário de 18 de Janeiro de 1965, dirigindo-se aos médicos presentes, Heidegger (2001, p. 73-4) defende que a doença é um fenômeno de privação, e que nela o ser sadio está perturbado: “[...] o não estar são, o estar doente é uma forma privativa do existir.

Por isso também não se pode conceber adequadamente a essência do estar doente sem uma determinação suficiente do estar são”.

Partindo da compreensão *daseinsanalítica* que Heidegger procura realizar do ser humano em geral, pretende-se analisar o fenômeno ser-com os outros no personagem Christopher, existencial que será agora especificamente abordado.

Lembrando que “[...] de início, um mero sujeito não ‘é’ e nunca é dado sem mundo (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 167)”, Heidegger também coloca que “[...] também não é dado um eu isolado sem os outros. [...] os ‘outros’ já estão co-pre-sentes [mantendo a grafia da edição brasileira ora utilizada] no ser-no-mundo”.

Nos *Seminários* (2001) Heidegger procura deixar claro que seu entendimento visa à superação da representação do ser humano como “subjetividade da consciência” (p. 142), rompendo, portanto, com a idéia de um solipsismo primordial.

O filósofo quer mostrar que não há um ato ou pensamento humano que não pressuponha um outro. *Dasein* encontra co-*Daseins*.

É necessário entender em que sentido se fala de outros em *Ser e tempo*. Para o filósofo (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 169-70)

Os “outros” não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, ninguém se diferencia propriamente, entre os quais também se está.

Sendo o *Dasein* fundamentalmente ser-com, pede-se licença para uma passagem maior, muito ilustrativa, deste caráter inalienável do ser humano (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 172):

O ser-com determina existencialmente o *Dasein* mesmo quando um outro não é, de fato, dado ou percebido. Mesmo o estar só do *Dasein* é ser-com no mundo. Somente num ser-com e para um ser-com o outro pode faltar. O estar-só é um modo deficiente de ser-com e sua possibilidade é a prova disso. Por outro lado, o fato de estar só não é eliminado porque “junto” a mim ocorre um outro exemplar de homem ou dez outros. O *Dasein* pode estar só mesmo quando esse e ainda outros tantos são simplesmente dados. O ser-com e a facticidade do *co-Dasein* não se fundam, pois, numa ocorrência simultânea de vários “sujeitos”. O estar só “entre” muitos também não diz, com referência ao ser dos muitos, que eles sejam simplesmente dados. Nesse estar “entre eles”, eles são co-pre-sentes; seu *co-Dasein* vem ao encontro no modo da indiferença e da estranheza. A falta e “ausência” são modos do *co-Dasein*, apenas possíveis porque o *Dasein*, enquanto ser-com, permite o encontro de muitos em seu mundo.

Quais são alguns dos modos possíveis de preocupação com os outros, no sentido heideggeriano? “O ser por um outro, contra um outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não sentir-se tocado pelos outros, são modos possíveis de preocupação (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 173)”.

Heidegger reserva o termo preocupação para falar da relação de um *Dasein* com os outros. Comenta sobre dois modos extremos de preocupação: substituição dominadora - o modo de substituir, encobrir e dominar o outro, modo este que comumente se observa no lidar com as coisas, mas que “[...] determina a convivência recíproca em larga escala [...] (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p.174)”, e o modo em que se busca levar o outro ao encontro de suas possibilidades mais próprias – anteposição liberadora.

Em um dos diálogos com Boss, constantes dos *Seminários* (2001, p. 182), Heidegger postula que o ser humano entendido como *Dasein* “[...] deve ser visto sempre como ser-no-

mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar [preocupação] dos outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si”.

Muito incomum, poder-se-ia dizer, é a leitura que Heidegger faz das relações entre um homem e outro, porém, quando se busca a essência do ser homem, não há como negar que “Mesmo quando cada *Dasein* de fato não se volta para os outros, quando acredita não precisar deles ou quando os dispensa, ele ainda é no modo de ser-com (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 175)”.

Indo adiante, o filósofo alemão lembra que “Não é a simpatia que constitui o ser-com. Ao contrário, ela só é possível com base no ser-com, não podendo ser evitada em seus modos deficientes e predominantes do ser-com, já que estes a motivam (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 177)”.

*Dasein*, portanto, possui o modo de ser da convivência, mas esta não pode ser entendida como

[...] resultado da soma de vários “sujeitos”. O deparar-se com o contingente numérico de sujeitos só é possível quando os outros que vêm ao encontro na co-presença são tratados meramente como números. Tal contingente só se descobre por meio de um determinado ser-com e para os outros. Esse ser-com “desconsiderado” “computa” os outros sem “levá-los em conta” seriamente, sem querer “ter algo a ver” com eles (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 178).

Heidegger ainda aborda os modos predominantes, originários, como se encontram uns com os outros. Estes modos se concretizam numa convivência ditada pela impessoalidade. Ele, a partir do mundo fático, comenta que (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 179).

Na utilização dos meios de transporte público, no emprego dos meios de comunicação e notícias (jornal), cada um é como o outro. Este conviver dissolve inteiramente o próprio *Dasein* no modo de ser dos “outros” e isso de tal maneira que os outros desaparecem ainda mais em sua possibilidade de diferença e expressão. O impessoal desenvolve sua própria ditadura nesta falta de surpresa [...]. Assim nos divertimos e entretemos como impessoalmente se faz; lemos, vemos e julgamos sobre a literatura e a arte como impessoalmente se vê e se julga; também nos retiramos das “grandes multidões” como impessoalmente se retira; achamos “revoltante” o que impessoalmente se considera revoltante. O impessoal, que não é nada determinado mas que todos são, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade.

Ou seja, para Heidegger, *Dasein* é ordinariamente deste modo, no modo da impessoalidade, não cabendo alguém iluminado escapar deste convívio, pois o *Dasein* é também esta entrega ao impessoal. Ele diz: “Todo mundo é outro e ninguém é si próprio (HEIDEGGER, 1993, Parte I, p. 181)”.

Afirmando que o impessoal é também um existencial, ou seja, pertence à constituição ontológica do *Dasein*, Heidegger (1993, Parte I) coloca que as expressões e imposições de seu domínio variam historicamente.

Mas quem, e como, teria, por assim dizer, o dom da propriedade? Heidegger (1993, Parte I) entende o ser próprio como uma modificação existenciária, concreta, do impessoal, e não como uma separação do impessoal, tomando o cuidado de apontar para o “abismo” que separa o que chama de próprio, da identidade de um eu que se manteria constante em variadas vivências.

A explanação acima foi necessária para que mais à frente a iluminação do fenômeno ser-com em Christopher ganhe densidade. Conforme Heidegger

É decisivo que cada fenômeno que surge na relação de analisando e analista seja discutido em sua pertinência ao paciente concreto em questão a partir de si em seu conteúdo fenomenal e não seja simples e genericamente subordinado a um existencial (HEIDEGGER, 2001, p. 150).

Na dissertação aqui apresentada, o paciente concreto é o personagem Christopher, o analista é este pesquisador, tecendo uma relação a partir da qual quer se mostrar o ser-no-mundo de Christopher em sua vida mesma, com seus relacionamentos com os outros.

## **3.OBJETIVOS**

---

### **3 – OBJETIVOS.**

Realizar uma compreensão daseinsanalítica do personagem Christopher, a partir da iluminação de suas relações com os outros

Compreender, por uma perspectiva daseinsanalítica, o fenômeno ser-com os outros em Christopher, e também aspectos existenciais associados ao mesmo.

Contribuir com a compreensão de possíveis maneiras de pessoas diagnosticadas com Transtorno de Asperger se relacionarem com os outros, aproximando o que significa o diagnóstico Transtorno de Asperger como modo doente de existir do homem.



## **4. MÉTODO**

---

## 4 – MÉTODO.

### 4.1 Apresentação do Romance.

Escrito pelo romancista e professor de redação da Universidade de Oxford Mark Haddon, e publicado pela primeira vez em 2003, com o título original *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*, o livro narra a história de um rapaz de quinze anos, Christopher Boone, apresentado tanto na edição brasileira (2006) como na inglesa (2004) utilizadas neste trabalho, como alguém com o diagnóstico de Transtorno de Asperger.

Ainda assim, cabe recordar que no capítulo sobre Transtorno de Asperger (2.1), tomou-se o cuidado de se proceder a uma verificação das características do personagem conforme os critérios do DSM-IV-TR (2003).

Vencedor do *Withbread Prize* em 2004, Haddon, em reportagem publicada no *The Observer* de 11 de Abril do mesmo ano, afirma que escreveu um livro para crianças e para adultos, e que acredita que o romance, além de convidar a penetrar a vida de outra pessoa, toca no aspecto de quão mal se comunicam os seres humanos uns com os outros.

Toda a história é narrada em primeira pessoa, portanto, da perspectiva do próprio Christopher. A trama se desenvolve a partir do momento em que ele descobre o cachorro de sua vizinha, o poodle Wellington, morto no jardim da casa dela, transpassado por um forquão de jardim. Admirador das histórias de Sherlock Holmes, é estimulado pela professora Siobhan, de sua escola especializada, a escrever a história do que ocorreu consigo, em torno da investigação que decide fazer para descobrir quem matou o cachorro, resultando então em *O Estranho Caso do Cachorro Morto*.

Surpreendentemente, pelo fato de o protagonista gostar muito de números primos, os capítulos foram numerados por ele, apenas com números desta natureza.

Christopher vai se dando a conhecer conforme seu relato vai jorrando, contando o caso, a investigação sobre o assassinato, se mostrando como é, como enxerga as pessoas e o mundo.

O neurologista inglês Oliver Sacks, autor de *Um Antropólogo em Marte* (2001), livro que, entre outras histórias verídicas, apresenta a de uma moça que tem o diagnóstico de T. de Asperger, escreve tanto na apresentação à edição inglesa quanto na brasileira, que se trata de “Um livro delicioso e brilhante. Mark Haddon mostra grande conhecimento da mente de um autista... Contagante, plausível e engraçado”.

## **4.2 Procedimentos do Método Fenomenológico aqui utilizado.**

Giorgi (1997), autor da proposta do método fenomenológico nesta dissertação utilizado, enfatizando que Husserl, ao propor a fenomenologia, desenvolveu um método filosófico, alerta que este deve sofrer algumas adaptações para a utilização no âmbito das ciências humanas, modificações que, contudo, não acarretam dano à proposta de fazer da fenomenologia uma via de acesso ao conhecimento.

Diferentemente do método filosófico, que seria praticado pelo filósofo, na pesquisa empírica as descrições das experiências são obtidas através do relato do participante ou dos participantes de uma pesquisa, sendo as descrições tão detalhadas e precisas quanto possível, descrições da vida cotidiana das pessoas participantes, de uma perspectiva de atitude natural, não científica.

O pesquisador, sim, deve assumir uma atitude de redução fenomenológica, o que implica na suspensão de conhecimentos prévios, teóricos, sobre o fenômeno pesquisado, com o objetivo de estar presente para o fenômeno como apresentado pela descrição do sujeito.

O pesquisador deve fazer a busca pelas essências do fenômeno, por suas estruturas, o que implica em reconhecer as características invariantes do mesmo. Segundo Giorgi (1997, p. 242), uma essência é “[...] a articulação, baseada na intuição, de um sentido fundamental sem o qual o fenômeno não poderia se apresentar ele próprio como o que é” [tradução do autor da dissertação].

Giorgi (1997) propõe cinco passos concretos para o método fenomenológico em ciências humanas, que são a seguir descritos e relacionados ao presente trabalho.

1º - Coleta de dados. Na presente dissertação, está sendo utilizado o romance *O Estranho Caso do Cachorro Morto*, mais especificamente o relato, por assim dizer, autobiográfico, do personagem Christopher, continente da experiência vivida do mesmo.

2º - Leitura de dados. Leitura e releitura do romance, antes de iniciar qualquer análise, com escuta atenta para o relato como um todo.

3º - Divisão dos dados em partes. Aqui são identificadas as unidades de sentido. No caso do personagem em questão, dado o viés compreensivo da análise, procurando iluminar o fenômeno ser-com os outros em Christopher, as unidades de sentido são trechos do relato identificados como atinentes a suas vivências com outras pessoas, em seguida expressos ainda em palavras dele próprio. O que dirige este momento é a perspectiva disciplinar do pesquisador; portanto, aqui, se dá a busca por trechos que ilustrem o fenômeno ser-com os outros, entendido este fenômeno pela ótica da *Daseinsanalyse* de Martin Heidegger.

Giorgi (1997) observa que as unidades de sentido não existem a priori no relato do participante ou sujeito, mas são constituídas.

Este momento constará concretamente do capítulo 5 desta dissertação.

4º - Organização e expressão dos dados brutos na linguagem da disciplina. Segundo Giorgi (1997, p. 247), os achados devem ser “[...] expressos em termos relevantes para a disciplina científica que está sendo utilizada”. Portanto, no caso desta pesquisa, buscar-se-á expressar uma compreensão daseinsanalítica do fenômeno ser-com os outros em Christopher.

5º - Expressão da estrutura do fenômeno. Segundo Moreira (2002, p. 124), no método proposto por Giorgi, nesse momento “[...] o pesquisador sintetiza todas as unidades de sentido em uma declaração consistente com relação à experiência do sujeito”, ou seja, uma declaração

da estrutura do fenômeno. No presente trabalho, por haver apenas um sujeito, não é possível uma comparação entre sujeitos participantes para que se pesquise uma estrutura ou essência comum aos mesmos em relação a uma determinada vivência ou situação de vida, mas é possível expressar a estrutura ou as estruturas fundamentais do fenômeno ser-com os outros em Christopher.

Os passos 4º e 5º tomarão corpo no capítulo 6 da dissertação, referente à compreensão daseinsanalítica do fenômeno ser-com os outros no personagem.

Nos *Seminários de Zollikon*, cabe lembrar mais uma vez, Heidegger coloca que

É decisivo que cada fenômeno que surge na relação de analisando e analista seja discutido em sua pertinência ao paciente concreto em questão a partir de si em seu conteúdo fenomenal e não seja simples e genericamente subordinado a um existencial (HEIDEGGER, 2001, p. 150),

o que sem dúvida vale para esta dissertação, em que pese não se tratar, em sentido estrito, de uma relação analisando – analista.

Em relação à busca das essências do fenômeno ser-com os outros em Christopher, Dartigues (2005, p.35) comenta que Husserl distinguiu duas espécies de essências, as exatas – correspondentes aos conceitos rigorosos das matemáticas e da física e que têm apenas uma relação indireta com a vivência – a as inexatas ou morfológicas – que devem, por outro lado, “[...] exprimir a vivência em todas as suas nuances e sem traí-la”. Ele prossegue sobre as essências inexatas ou morfológicas, afirmando que as mesmas somente podem ser

[...] descrições cujo rigor não provirá senão da fidelidade ao dado, justamente com o caráter fluente e vago que lhe é inerente. Em virtude disso não há uma geometria da vivência, isto é, uma ciência na qual os fenômenos vividos pudessem ser deduzidos de um sistema de axiomas e de conceitos definidos de antemão (DARTIGUES, 2005, p. 35-6).

Ao longo da análise das expressões de Christopher serão utilizadas as contribuições de Martin Heidegger, tanto dos *Seminários de Zollikon* (2001) quanto de *Ser e tempo* (1993), na busca pelas essências de seu ser-no-mundo.

O seguinte capítulo será destinado à transcrição dos trechos do livro que serão utilizados na análise.

## **CAPÍTULO 5. TRANSCRIÇÕES EM TERMOS EXPRESSOS POR CHRISTOPHER**



## **CAPÍTULO 5 – TRANSCRIÇÕES EM TERMOS EXPRESSOS POR CHRISTOPHER.**

Estão abaixo transcritos, literalmente, com indicação entre parêntesis, das páginas respectivas da edição brasileira do romance, trechos em que aparecem as relações de Christopher com as outras pessoas em geral. Entre colchetes, há acréscimos do autor deste trabalho que visam esclarecer detalhes da situação transcrita, além de supressões.

Não estão transcritos todos os trechos nos quais se pode visualizar o fenômeno ser-com em Christopher, mesmo porque, não há ato humano, pensamento, que já não tenha alcançado um outro, como visto no capítulo 2.2, conforme Heidegger; mas estão, de maneira significativamente representativa, trechos em que as relações com outras pessoas aparecem de forma mais concreta.

As transcrições abaixo, juntamente com os referidos acréscimos, funcionam também de modo a fornecer uma visão panorâmica do desenrolar da trama. A apresentação se dá numa seqüência cronológica, sendo os trechos numerados de 1 a 77, numeração esta que foi escolhida apenas para tornar mais didática a exposição deste trabalho, e que não ocorre no romance.

1- [Christopher começa a se apresentar] “Há oito anos, quando conheci Siobhan, ela me mostrou este desenho [figura 1, copiada do livro] e eu sabia que significava ‘triste’, que é como me senti quando encontrei o cachorro morto. [...] [‘feliz’ – figura 2, copiada do livro – esta expressão ele também sabe o que significa] é como eu fico quando estou lendo sobre as missões espaciais Apollo, ou quando ainda estou acordado às três ou às quatro da manhã e posso caminhar para cima e para baixo da rua e imaginar que sou a única pessoa no mundo inteiro (p. 10)”.

FIGURA 1:

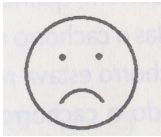
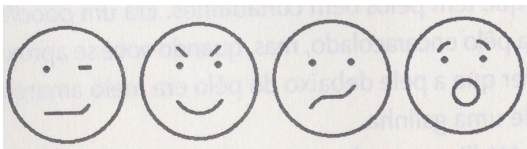


FIGURA 2:



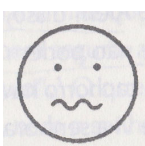
2- “[...] era muito difícil saber qual dos diagramas [com expressões faciais, feitos pela professora Siobhan – a figura 3, copiada do livro, esclarece ao que ele se refere] representava as caras que eles [as pessoas] faziam porque elas [as expressões faciais das pessoas] mudavam muito depressa (p. 11)”.

FIGURA 3:



3- [ele ouve da professora que se retirasse o diagrama do bolso no momento da interação com alguém para tentar traduzir uma expressão, as pessoas se sentiriam “assim” – e ele ilustra como – figura 4, copiada do livro] “Então, agora, quando não sei o que alguém está dizendo, ou eu pergunto o que querem dizer ou me afasto (p. 11)”.

FIGURA 4:



4- [explicando seu gosto por cachorros, após perceber o cachorro Wellington morto no jardim da vizinha] “A gente sempre sabe o que um cachorro está pensando. O cachorro pode estar de quatro jeitos. Feliz, triste, zangado e concentrado. Além disso, os cachorros são leais e não dizem mentiras porque não podem conversar (p. 12)”.

5- “Não gosto quando as pessoas gritam comigo. Fico com medo, achando que elas vão me machucar, ou me tocar, e nunca sei o que pode acontecer (p.12)”.

6- [inquirido pelo policial que é chamado quando do assassinato do cachorro Wellington, da vizinha de Christopher, senhora Shears] “Eu me estendi de bruços na grama, outra vez, pressionei minha testa no chão novamente e fiz o barulho que o pai chama de gemido. Eu faço este barulho quando tem muita informação entrando na minha cabeça vindo do mundo de fora (p. 16)”.

7- [explica que escreve um livro sobre suas investigações em torno do assassinato, estimulado por Siobhan, sua professora] “Este livro não vai ser engraçado. Não posso contar piadas porque nunca as entendo (p. 18)”.

8- “Acho as pessoas complicadas. Por duas razões principais. A primeira razão principal é que as pessoas conversam um bocado sem usar qualquer palavra. Siobhan diz que quando alguém levanta uma sobrancelha, pode significar muitas coisas diferentes. Pode significar: ‘Quero fazer sexo com você’ e também pode significar ‘Acho muito estúpido o que você acabou de dizer’. [...] A segunda razão principal é que as pessoas sempre conversam usando metáforas (p. 27)”.

9- [explicando porque ele e o pai erguem as mãos esquerda e direita respectivamente, separando os dedos “como num leque”, para se cumprimentarem] “A gente faz isso porque tem vezes que o Pai quer me dar um abraço, mas não gosto de abraçar pessoas, então nós fazemos isso, e isso significa que ele me ama (p. 29)”.

10- [quando o inspetor de polícia pergunta a Christopher se ele sabe quem matou o cachorro, se “você está dizendo a verdade?”] “- Sim, eu sempre digo a verdade (p. 31)”.

11- “Eu não conto mentiras. A Mãe costumava dizer que eu era uma boa pessoa. Mas não é porque eu sou uma boa pessoa. É porque eu não consigo dizer mentiras (p. 33)”.

12- “Sei que as pessoas ficam imaginando o que eu estou pensando, mas eu não sei dizer o que elas estão pensando (p. 33)”.

13- “[...] nem sempre faço o que me mandam fazer. E isso é porque quando as pessoas dizem a você o que é para fazer, geralmente é confuso e não faz sentido. Por exemplo, as pessoas vivem dizendo: ‘Fique quieto’, mas elas não dizem por quanto tempo é para ficar quieto. Ou você vê uma placa que diz ‘Não pise na grama’, mas deveria dizer ‘Não pise na grama ao redor da placa’ ou ‘Não pise na grama do parque’, porque sempre tem um bocado de grama na qual se pode andar (p. 48)”.

14- “[...] não sei o que o pai quer dizer quando fala: ‘Não se meta nos problemas dos outros’ [pedindo a Christopher que não investigue a morte de Wellington], porque não sei o que ele quer dizer com ‘problemas dos outros’, porque vivo fazendo coisas junto com outras pessoas, na escola, na loja, no ônibus, e o trabalho dele [de seu pai] é ir nas casas de outras pessoas consertar seus bóileres e seus aquecedores. E todas estas coisas são problemas de outras pessoas (p. 48)”.

15- “Quando ela [Siobhan] me diz para não fazer uma coisa, ela me diz exatamente o que eu não devo fazer. E eu gosto disso (p. 48)”.

16- “Não gosto de estranhos porque não gosto de pessoas que eu nunca tenha encontrado antes. Elas são difíceis de entender. É como estar na França, que é para onde fomos nas férias, algumas vezes, quando a Mãe estava viva, para o acampamento. E odiei

porque quando entrava numa loja ou num restaurante ou mesmo se fosse para a praia, não podia entender o que as pessoas diziam, e era assustador (p. 55-6)”.

17- “Levei muito tempo para me acostumar com as pessoas que não conhecia. Por exemplo, quando há um novo membro na equipe da escola, fico sem conversar com ele por semanas. Fico apenas observando até saber que eles são seguros (p. 56)”.

18- [no momento em que indaga quem imagina ser o vizinho senhor Thompson, sem preâmbulos, indo direto às suas investigações] “- Você sabe quem matou Wellington?” “Eu não estava olhando no rosto dele. Eu não gosto de olhar no rosto das pessoas, principalmente se são estranhos (p. 57)”.

19- [ao indagar outro vizinho, senhor Wise, que responde] “- Que diabo, os policiais estão cada vez mais jovens, não é?” [e Christopher escreve] “Então ele riu. Não gosto de pessoas rindo de mim, então eu me virei e fui embora (p. 60)”.

20- [quando indagada também sobre se conhece o autor do assassinato, a vizinha senhora Alexander lhe diz mais à frente na conversa: “- É muito simpático de sua parte vir falar comigo”, e Christopher escreve] “Também não respondi a isso porque a senhora Alexander estava fazendo o que é chamado bate-papo, em que as pessoas dizem coisas para as outras que não são perguntas e respostas e não estão relacionadas (p. 62)”.

21- [resposta de Christopher à senhora Alexander, quando esta, de maneira terna, o convida para entrar para um chá] “- Eu não entro na casa de outras pessoas (p. 63)”.

22- [fala em mudar-se com o pai para outra cidade se ingressar na universidade, já que pretende cursar matemática ou física] “[...] eu não quero viver sozinho, nem numa casa com outros estudantes (p. 69)”.

23- [comenta sobre a possibilidade de um dia se casar] “[...] arranjar uma boa mulher para me casar e ser minha esposa e ela pode tomar conta de mim, assim eu vou ter companhia e não vou ficar sozinho (p. 69)”.

24- [Christopher lista “alguns de meus problemas comportamentais”] “A. Deixar de conversar com pessoas por um longo tempo. [em nota de rodapé relativa a esta sentença] Uma vez eu não conversei com ninguém por semanas. [...] C. Não gostar de ser tocado. [...] E. Não gostar de ficar em lugares muito pequenos com outras pessoas. [...] I. Recusar a usar minha escova de dentes se alguém mais tocar nela. [...] K. Não perceber quando as pessoas ficam zangadas comigo. L. Não sorrir. M. Dizer coisas que outras pessoas pensam que são rudes [em nota de rodapé relacionada a esta frase]: As pessoas dizem que você sempre tem de dizer a verdade. Mas elas não levam isso a sério porque você não pode dizer às pessoas velhas que elas estão velhas e você não pode dizer às pessoas que elas estão com um cheiro estranho ou quando um adulto solta um peido. E não é permitido dizer ‘Eu não gosto de você’, a menos que a outra pessoa tenha feito algo horrível a você (p. 70-1)”.

25- [Christopher mostra, sim, conhecimento do que se passa com um outro, ao perceber o pai chateado por ele investigar o assassinato] “Dava para ver que o pai estava chateado comigo [...] (p. 73)”.

26- [justificando porque acha que se daria bem como astronauta] “Você também tem de ser alguém que gostaria de estar sozinho dentro de uma minúscula nave espacial a milhares e milhares de quilômetros da superfície da Terra e não entrar em pânico, nem ficar claustrofóbico, não sentir saudades de casa nem enlouquecer. E eu gosto de verdade de espaços pequenos, contato que não tenha mais ninguém ali comigo (p. 75)”.

27- [prossequindo no tópico acima] “Além disso, eu não ia ficar com saudades, nem um pouco, porque ia estar cercado de muitas coisas de que eu gosto, que são as máquinas, os

computadores e o espaço cósmico. E eu ia poder olhar por uma janela pequena da aeronave e ia saber que não teria ninguém por perto em milhares e milhares de quilômetros (p. 75-6)”.

28- [quando vê “quatro carros amarelos, um atrás do outro, no caminho para a escola”, entende que se trata de “dia ruim” e então, na escola, por esta ocasião] “[...] não falei com ninguém e fiquei sentado a tarde inteira num canto da biblioteca gemendo com minha cabeça pressionada na junção de duas paredes, e isto me fez sentir calmo e seguro (p. 78)”.

29- [resposta de Christopher à senhora Alexander quando esta diz a ele que “não há nada de errado em bater um papinho”] “- Eu não consigo bater papo (p. 80)”.

30- [mesmo aceitando ir ao parque com a senhora Alexander, que quer falar a ele sobre o envolvimento de sua mãe com o senhor Shears] “- Eu estou com medo de estar no parque com você, porque você é uma estranha (p. 87)”.

31- [não gosta que toquem em suas coisas] “Coloquei meu alcaçuz e minha barra de chocolate em minha caixa especial de comida na prateleira que não era permitido ao Pai tocar porque era minha (p. 94)”.

32- [ao comentar passagem de romance escrito por sir Arthur Conan Doyle, autor de seu “livro favorito”, O Cão dos Baskervilles] “Tem horas que sir Arthur Conan Doyle descreve assim as pessoas: ‘Há alguma coisa sutilmente errada com o rosto, alguma aspereza de expressão, alguma dureza, talvez do olhar, algum relaxamento dos lábios que prejudica sua perfeita beleza’. Eu não sei o que ‘alguma dureza, talvez do olhar’ significa, e não me interessa por rostos (p. 100-1)”.

33- [quando Siobhan lhe pergunta se está triste por ter descoberto que sua mãe – que ele supõe morta, acreditando no que lhe disse seu pai – teve um caso extraconjugal com o senhor Shears] “- Mas eu não me sinto triste por causa disto. Porque a mãe está morta. E

porque o senhor Shears não está mais aqui. Por que então eu estaria me sentindo triste por alguma coisa que não é real e que não existe? Isto seria estúpido (p. 106)”.

34- [comentando sobre um vídeo do Planeta Azul, “sobre a vida nas partes mais profundas do oceano”] “Eu gosto de imaginar que estou por lá, vez por outra, numa esfera submergível metálica, com janelas de vidro de 30 cm de grossura para evitar que implodam sob a pressão. E fico pensando, então, que sou a única pessoa dentro dele, e imagino que ele não esteja conectado a nenhum navio, nenhum mesmo, mas que pode ser operado com sua energia própria e que eu posso controlar os motores e deslocá-lo para qualquer lugar que eu queira, no fundo do mar, e nunca mais ser encontrado (p.112)”.

35- [o pai de Christopher, Ed Boone, entra na sala e vê o “livro” contendo as investigações do filho em torno do assassinato de Wellington, ficando contrariado, já que pedira ao filho que não se metesse em “problemas dos outros”] “Mas ele falou muito tranqüilamente e eu não percebi que ele estava irritado, porque ele não estava gritando. [...] Ele disse isto numa voz muito calma também, então eu ainda não tinha percebido que ele estava irritado (p. 113)”.

36- [o pai o agarra, irritado, ao descobrir que Christopher prosseguia com as investigações] “Eu não gosto que as pessoas me agarrem. Não gosto de ser surpreendido. Então bati nele, como bati no policial quando ele segurou meus braços [...] (p. 115)”.

37- [o pai o leva ao zoológico, para que fiquem de bem] “E disse [o pai dele] que tudo daria certo porque não ia haver gente demais no zoológico porque a previsão do tempo era de chuva e eu fiquei satisfeito porque não gosto de multidões e eu gosto quando está chovendo (p. 120)”.

38- [como Christopher enxerga o amor do pai por ele] “Porque amar alguém é ajudá-lo quando ele está com problemas, tomar conta dele, falar sempre a verdade, e o Pai toma



conta de mim quando estou com problemas, como quando foi atrás de mim, no distrito policial, cozinha para mim e sempre me diz a verdade, o que significa que ele me ama (p. 121)”.

39- [ao procurar o livro que estava escrevendo, livro que havia sido tomado pelo pai, Christopher descobre cartas que lhe haviam sido endereçadas de Londres, pela mãe, as quais nunca lhe haviam sido entregues; trechos de uma das cartas, nas falas da mãe do protagonista, ao lembrar uma ida a compras de Natal com ele] “Você ficou amedrontado por causa da quantidade de gente na loja.[...] Você se agachou no chão, colocou suas mãos sobre seus ouvidos e ficou bem no caminho das pessoas. [...] Eu estava tão zangada que queria arrancar você da loja, mas você não queria me deixar tocá-lo (p. 146)”.

40- [na mesma missiva, a mãe observa, de lembrança, como era Christopher com o pai] “Me lembro que olhava para vocês dois [ele e o pai], via vocês juntos e pensava como você era realmente diferente com ele. Você ficava sempre mais tranqüilo. E não ficavam berrando um com o outro (p. 149)”.

41- [na segunda carta lida por Christopher, outras falas da mãe dele] “Você deve se lembrar o que tínhamos de fazer para levar você ao dentista. Você não deixava ninguém colocar as mãos em sua boca, então tivemos de colocar você para dormir para o dentista conseguir extrair o seu dente (p. 153)”.

42- [descobre que a mãe não está morta, e sim que ela partira com o senhor Shears] “A Mãe não tinha tido um ataque do coração. A Mãe não tinha morrido. A Mãe estava viva. Todo esse tempo, a Mãe estava viva. E o Pai tinha mentido para mim (p. 153)”.

43- [quando o pai percebe que Christopher leu algumas das cartas que escondia, e põe as mãos nos ombros do filho] “Mas não me machucou quando ele me tocou, como normalmente acontece (p. 155)”.

44- “[...] quando eu era pequeno, eu não compreendia como as outras pessoas pensavam. E Julie [primeira professora dele] tinha dito para a Mãe e o Pai que eu sempre ia achar isso muito difícil. Mas eu não achava isso difícil agora. Porque eu decidi que era um tipo de quebra-cabeça e se uma coisa é um quebra-cabeça, tem sempre uma maneira de resolvê-la (p. 157)”.

45- [o pai revela que foi ele quem matou Wellington] “Fiquei me perguntando se era uma piada, porque eu não entendo piadas, e quando as pessoas contam piadas não estão de verdade querendo dizer o que dizem (p. 162)”.

46- “Eu tinha de sair de casa. O Pai tinha assassinado o Wellington. Isso significava que ele podia também me assassinar, porque eu não podia mais confiar nele, mesmo com ele dizendo ‘confie em mim’, porque ele tinha contado uma mentira sobre uma coisa importante (p. 161)”.

47- “Eu tinha de decidir o que fazer porque eu não podia morar mais em casa com o Pai porque era perigoso (p. 172)”.

48- [sai de casa sem ser notado pelo pai, decidido a ir encontrar a mãe em Londres, e vai pela rua, tentando encontrar a estação de trem de Swindon] “[...] eu teria de fazer isso perguntando a alguém e teria de ser uma senhora porque quando eles falaram conosco sobre Estranhos Perigosos, na escola, eles disseram que se um homem aproximar-se para conversar e você ficar amedrontado, você deveria gritar e descobrir alguma senhora para correr até ela porque com senhoras é mais seguro (p. 182)”.

49- [na rua, a caminho da estação] “Havia muitas pessoas na rua fazendo suas compras, mas eu não queria que elas me tocassem, então eu fui para a extremidade da rua. Não estava gostando das pessoas todas perto de mim e todo aquele barulho porque era muita

informação na minha cabeça e era difícil conseguir pensar, como se estivessem gritando na minha cabeça. Então coloquei minhas mãos sobre meus ouvidos e gemi disfarçado (p. 184)”.

50- “Concentrei-me seriamente em seguir as regras, fiz um mapa do centro da cidade [Swindon] em minha cabeça enquanto eu andava e desta forma foi mais fácil ignorar as pessoas e o barulho em volta de mim (p. 155)”.

51- [dizendo porque é bom em xadrez, e matemática e lógica] “[...] a maioria das pessoas são quase cegas, elas não vêem a maioria das coisas e há muita capacidade desperdiçada em suas cabeças que é preenchida com coisas que não estão relacionadas entre si e são tolas, como: ‘Será que deixei o gás na cozinha aberto’ (p. 190)”.

52- [já dentro da estação de trem de Swindon] “[...] gemi para disfarçar o barulho porque minhas mãos não estavam nos ouvidos, mas não tão alto que outras pessoas pudessem me ouvir porque então poderiam vir falar comigo (p. 193)”.

53- [alerta um policial que o interpela na estação de trem, policial este que não sabia que Christopher havia fugido de casa] “-Você não pode me tocar (p. 199)”.

54- [ao conversar com este policial sobre o valor da passagem de trem para Londres] “- Quanto custa uma passagem de trem para Londres? Ele respondeu: ‘-Vinte pratas’. Eu perguntei: ‘- Isso são libras?’ Ele respondeu: ‘- Deus do céu’. E riu. Mas eu não ri, porque não gosto que riam de mim, mesmo que sejam policiais (p. 200)”.

55- [ainda na estação, um pouco depois] “Eu fui para a bilheteria, mas antes me virei e pude ver que o policial ainda estava me observando, assim eu me senti mais seguro (p. 201)”.

56- [o vendedor de bilhetes pergunta a Christopher] “- Simples ou ida e volta? Eu perguntei: ‘- O que significa simples ou ida e volta?’ (p. 202)”.

57- [quando alguém esbarra nele, numa passagem subterrânea dentro da estação] “[...] fiz um barulho como um cachorro latindo para assustá-lo (p. 203)”.

58- [agora, dentro do trem] “Havia muitas pessoas no trem e eu não gostei disso, porque não gosto de ficar rodeado de muitas pessoas que não conheço [...] (p. 209)”.

59- [quando o policial, agora já no seu encalço, sabendo da fuga, o encontra] “Então ele estendeu o braço e me tocou de novo e eu comecei a gritar [...] (p. 211)”.

60- [após sair do banheiro, entra em uma prateleira do trem, de modo a se esconder do policial, que quer levá-lo de volta para seu pai] “[...] fiquei fechado lá dentro, e estava escuro, não havia ninguém lá comigo, eu não podia ouvir as pessoas conversando, me senti mais calmo e isso foi bom” (p. 214).

61- [quando já na estação de trem em Londres – conseguiu despistar o policial - ao ouvir a resposta da senhora do balcão de informações, “- Pegue a linha para a estação Willesden Junction...”] “- Que tipo de linha é essa?” Ela falou: “- Você é de verdade?” (p. 225)”.

62- [alguém o apressa no metrô londrino, “- Ande logo!”] “Daí, fiz o barulho de cachorro latindo, o portão abriu nessa hora, eu peguei meu bilhete como as outras pessoas faziam [...] (p. 227)”.

63- [uma senhora se aproxima dele na estação de metrô, antes que ele tenha conseguido se decidir a entrar no trem] “- Há alguma coisa que eu possa fazer por você?” Se ela fosse uma professora da escola, eu poderia perguntar: ‘Onde fica a Estrada Chapter 451 C, Willesden, Londres NW 2 5NG?’ [endereço da mãe dele], mas ela era uma estranha, então eu falei: ‘- Fique longe de mim – porque não gostei que ela ficasse tão junto de mim –

Eu tenho um canivete de exército suíço e tem uma lâmina serrada com ele e eu posso cortar fora os dedos de uma pessoa' (p. 240)".

64- [dentro do vagão do metrô] "Havia 11 pessoas no vagão e eu não gostei de estar num lugar fechado com 11 pessoas dentro de um túnel, então eu me concentrei nas coisas que havia no vagão (p. 240)".

65- [tentando obter informações em uma pequena loja dentro de outra estação de metrô, onde havia um "homem indiano" que lhe mostrara o livro Atlas de ruas de Londres AZ e Mapa de índices geográficos de A a Z Companhia de Mapas] "O homem da pequena loja disse: '- Você vai comprar ou não?' Eu disse: '- Eu não sei'. [resposta do homem] '- Bem, então pode ir tirando seus dedinhos sujos dele, se você não se importa' – e ele o tomou de volta. Eu perguntei: '- Onde é a Estrada Chapter 451 C, Willesden, Londres NW 2 5NG?' [resposta do vendedor] '- Ou você compra o de A a Z ou dá o fora. Não sou uma enciclopédia ambulante'. Eu disse: '- Esse aí é o de A a Z?' – a aponte para o livro. Ele disse: '- Não, é um crocodilo morto'. Eu repeti: '- Esse aí é o de A a Z?' – porque aquilo não era um crocodilo e eu achei que tinha entendido errado por causa do sotaque dele (p. 243)".

66- [quando encontra a mãe em frente ao prédio onde ela morava, antes que ela o visse; ele apenas diz] "- Você não estava, então fiquei esperando você (p. 247)".

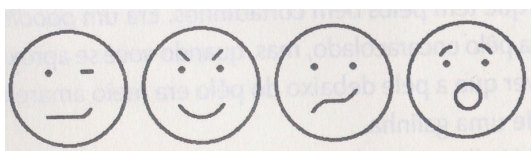
67- [a mãe o abraça, e ele a rechaça] "Eu a empurrei porque ela estava me agarrando e eu não gosto disto, e eu a empurrei com tanta força que caí (p. 247)".

68- [a mãe pede que entre depressa, devido ao frio] "'- Vá entrando, ou vai acabar virando um pingüim' – eu não sabia o que ela queria dizer mas eu entrei (p. 249)".

69- [a mãe pede para segurar a mão dele enquanto Christopher toma banho de banheira] "- Não gosto de gente segurando minha mão" (p. 251).

70- [sobre um de seus “sonhos favoritos”, no qual “quase todo mundo da terra está morto” por causa de um vírus] “No final da contas, não sobra ninguém no mundo, a não ser as pessoas que não olham para os rostos de outras pessoas e que não sabem o que estes desenhos significam [ele ilustra seus dizeres – figura 5, copiada do livro] e estas pessoas são todas pessoas como eu. Elas gostam de viver sozinhas e eu raramente as vejo porque elas são como o ocapí, da selva do Congo, que é um tipo de Antílope, arisco e muito raro. E eu posso então ir a qualquer lugar do mundo e sei que ninguém vai conversar comigo, nem vai me tocar nem me perguntar nada (p. 257-8)”.

FIGURA 5:



71- [tentando fazer compras com a mãe em Londres] “Havia muitas pessoas em John Lewis, eu fiquei com medo e me deitei no chão perto dos relógios de pulso, e comecei a gritar e a Mãe teve de me levar para casa de táxi (p. 261)”.

72- [acorda de madrugada e resolve sair da casa da mãe] “[...] eu tinha medo do senhor Shears [...]. Não havia ninguém na rua e estava mais calmo do que durante o dia, e isto me fez ficar mais tranqüilo (p. 263)”.

73- “Quando a Mãe e o senhor Shears brigavam, eu pegava o rádio pequeno, lá na cozinha, e ia ficar sentado no quarto de hóspedes, sintonizava entre duas estações para só poder escutar o barulho vazio, daí, aumentava bastante o volume e apertava o rádio no meu ouvido, e o chiado enchia o meu ouvido e me doía tanto que eu não sentia mais nenhuma outra dor, como a dor no meu peito, e eu não podia mais escutar a Mãe e o senhor Shears discutindo [...] (p. 266-7)”.

74- [volta para Swindon com a mãe – o pai fora atrás dele em Londres mas não conseguiu o levar – que ainda tinha a posse das chaves da casa onde os três haviam morado juntos] “Eram 8h 35min quando escutei o Pai voltar para casa em seu furgão e coloquei a cama contra a porta para ele não poder entrar e ele entrou em casa e ele e a Mãe gritaram um pouco um com o outro (p. 269)”.

75- [sobre o exame de matemática avançada, realizado por ele na volta a Swindon, e sobre sua “questão favorita”] “Eu já ia escrever a resposta que eu dei, aqui, quando Siobhan disse que não era interessante, mas eu disse que era. Ela disse que as pessoas não iam querer ler as respostas para uma questão de matemática em um livro, e ela disse que eu podia colocar as respostas em um Apêndice no fim do livro que as pessoas podiam ler se quisessem (p.276)”.

76- [a mãe arranja um emprego em Swindon e aluga um apartamento para viver com o filho; mas devido ao emprego da mãe e a não lhe ser permitido ficar só, tem de ficar com o pai “entre 15h 49min e 17h 30min”] “[...] então eu empurrava a cama contra a porta para o caso do Pai tentar entrar (p. 279)”.

77- [Christopher, morando com a mãe, ganha de presente um cachorro do pai, e recebe grau A no exame de matemática avançada] “A Mãe pegou uma gripe e eu tive de passar três dias com o Pai e ficar em sua casa. Mas tudo ficou bem porque Sandy [o golden retriever que ganhou] dormiu na minha cama, assim ele latiria se alguém entrasse no quarto durante a noite. O Pai fez uma horta no jardim e eu o ajudei. Nós plantamos cenouras, ervilhas, espinafre e eu vou colhê-los e comê-los quando estiverem prontos (p. 282-3)”.

**CAPÍTULO 6. COMPREENSÃO**  
**DASEINSANALÍTICA E ESTRUTURA DO**  
**FENÔMENO SER-COM OS OUTROS EM**  
**CHRISTOPHER**



## **CAPÍTULO 6 - COMPREENSÃO DASEINSANALÍTICA E ESTRUTURA DO FENÔMENO SER-COM OS OUTROS EM CHRISTOPHER.**

Como mostrado no capítulo referente a método, optou-se por buscar como unidades de sentido para esta análise, trechos do relato em que aparecem relacionamentos de Christopher com os outros. Estes mesmos trechos formam a base para as análises que serão apresentadas a seguir, propiciando também incursões sobre existenciais correlacionados, porque co-pertinentes, como temporalidade, disposição, espacialidade e ser mortal.

Entre colchetes, há informações remetendo para a página em questão do capítulo 5 (Transcrições em Termos Expressos por Christopher), bem como o número do trecho na dissertação (também no capítulo 5, onde os trechos retirados do romance são numerados de 1 a 77), para que o leitor possa rever aquilo que foi dito por Christopher de maneira mais íntegra. Somente quando aparecer um trecho do romance não transcrito no capítulo 5, é que será apresentada a página correspondente do livro.

A escolha para o desdobramento da análise recaiu sobre o modo de texto contínuo, sem subdivisões, fossem estas intituladas “Relações de Christopher com este e com aqueles personagens”, fossem do tipo “Características do modo dele se relacionar”. Acredita-se que da forma escolhida, a visualização do fenômeno ser-com os outros em sua unidade prenehe de multiplicidade, ganhe força. Lembre-se que se trata da análise de um só personagem.

Quando se julga necessário, há aportes de trechos de Martin Heidegger nos *Seminários de Zollikon* (2001), bem como em *Ser e tempo* (1993).

Christopher começa se apresentando como alguém que sente felicidade quando pode imaginar que é e única pessoa no mundo, ao mesmo tempo em que mostra o quão difícil é para ele compreender a amplitude de significados que podem se dar no contato humano, do

que dá mostra a sua dificuldade em decifrar expressões faciais. Ele percebe, sim, expressões, enquanto algo presente no contato, mas como algo enigmático, desafiador. Esta limitação no contato é percebida por ele [p. 64-5, trechos 1 e 2].

Para Heidegger, o ser-com os outros acontece sempre de modo compreensivo, ou seja, sempre se compreende o outro desta ou daquela maneira. No seminário de 11 de Maio de 1965 ele coloca que “‘Vemos’ no rosto do próximo se ele está constrangido ou aquecido por algum motivo, de acordo com as respectivas situações (HEIDEGGER, 2001, p. 109)”. Christopher compreende que há ali no rosto do outro uma expressão, mas nem sempre pode compreendê-la como esta ou aquela expressão específica. Este é um fenômeno de privação, assim entendido por Heidegger: “Quando negamos algo de forma que não o excluimos simplesmente, mas o retemos justamente no sentido de que algo lhe falta, esta negação chama-se privação (2001, p. 73)”. O ser-com compreensivo em Christopher não está ausente, mas acontece no modo de uma privação.

A previsibilidade de comportamento de um cão, animal para o qual está ausente a amplitude de comportamentos intuída por ele nos seres humanos, como por exemplo, mentir e dissimular, é tranqüilizadora para Christopher [p. 66, trecho 4].

Christopher, aliás, é possuidor de um *hamster*, um roedor, alvo de grande cuidado seu, e que pouco exige dele. Sendo possível traçar um paralelo com um modo de ser esquizofrênico, há que se dizer que Boss (1977, p. 16 -7), a respeito de um esquizofrênico, comenta que “Até as solicitações dos amigos começam a se tornar uma exigência insuportável [...] Assim, ele evita o contato com outros homens e arranja em seu lugar, por exemplo, um cachorro”. De alguma forma, as exigências cotidianas, dos contatos com as outras pessoas, são por vezes insuportáveis para Christopher, motivando que se recolha em sua solidão. Obviamente, não se quer dizer que Christopher se apresenta como um

esquizofrênico, mas apenas e tão somente busca-se apoio em uma compreensão de Boss, frisando-se entretanto que o termo genérico Autismo caracteriza tanto o Transtorno de Asperger como a Esquizofrenia.

Ele não gosta de ser tocado. Quando o policial o interroga a respeito do assassinato do cachorro, Christopher parece querer encardar-se, pressionando a testa contra o gramado, e geme, numa tentativa de distanciar o que está para ele muito próximo com um colorido de invasão e ameaça [p. 66, trecho 9]. Mesmo o pai, com quem ele mora, não pode tocá-lo, senão com as pontas dos dedos unidas às dos dedos dele, “como num leque”. O pai, a quem compreende como alguém que o ama de verdade por “tomar conta” dele, que é a pessoa que lhe oferece a maior acolhida no mundo [p.71-2, trecho 38].

Quando o pai o agarra, irritado, ao descobrir que Christopher prosseguia com as investigações sobre o assassinato, é agredido pelo protagonista. Toque, para ele, parece ser entendido como ameaça à existência, seja do pai, seja de um policial, seja de um desconhecido [p. 71, trecho 36].

Boss (1977, p. 20) também comenta sobre esquizofrênicos que “[...] deliberadamente não querem mais deixar que nada se aproxime, por medo de não poderem mais resistir ao que está perto, de serem sugados por tudo e de sucumbirem a isso”, fenômeno próximo ao que pode ser observado no personagem do romance.

Deve-se compreender Christopher em uma tendência de fechamento aos outros por já ser-com, e somente por isso. Fechando-se frente à solicitação caracterizada por Heidegger como solicitação excessiva, que é como o filósofo compreende o *stress*. No seminário de 3 de Março de 1966 ele comenta que:

A solicitação em geral exige em cada caso um corresponder de alguma forma. A esse corresponder pertencem também, como privações, o não corresponder e o não poder corresponder. Se, ao invés de *stress* falarmos de solicitação [excessiva], então isto não é apenas um título diferente, mas a palavra solicitação leva a coisa imediatamente para o âmbito do ser homem *ek-stático*, isto é, para o âmbito no qual pode ser dito, daquilo que nos interpela, que seja assim e assim (HEIDEGGER, 2001, p. 167).

Christopher é solicitado de maneira excessiva, entre outras muitas situações, no encontro com o policial no jardim de sua vizinha [p. 66, trecho 6]. Então, em ele se fechando, nessa tendência de fechamento, poderia contrariar a abertura originária de Ser em que consiste o homem? Ora, Heidegger comenta que “O ser fechado, como privação, só existe onde reina o estado de abertura (2001, p. 100)”.

Está privado da possibilidade de mentir, do dizer poético, do dizer espiritualoso, captando, contudo, estas privações em si. Mas ele consegue dizer “mentiras brancas”, utilizadas por ele quando, entre outras situações, é pressionado pelo pai a revelar se estava investigando o assassinato de Wellington, contrariando neste caso o desejo paterno [o pai pergunta, durante o jantar: “Por onde você andou?”, ao que Christopher responde: “Aí pela rua”]. O personagem explica: “Uma mentira branca não é totalmente uma mentira. É quando você diz a verdade, mas não diz toda a verdade. [...] eu sabia que o pai não queria que eu bancasse o detetive (HADDON, 2006, p. 72)”. Ele sabe esconder algo dos outros. Mas uma mentira branca não é uma mentira, mas sim, uma omissão, mostrando que Christopher tem a possibilidade, mesmo que restrita, de se ocultar, se não tem a de mostrar-se como o que ainda não é.

Ao policial afirma “eu sempre digo a verdade”, não podendo se relacionar mais livremente com uma espécie de negação de si - abrigada normalmente pelo ser humano, da qual se pode lançar mão em situações extremas - e com o que está ausente, ou dito de outra maneira, com o que se apresentaria apenas como possibilidade - no caso, a possibilidade de

mentir. Não é que não mente por ser “uma boa pessoa”, como queria a mãe, mas porque “eu não consigo dizer mentiras” [p. 67, trechos 10 e 11].

Ele compreende que não alcança as conversas das pessoas quando não se usa “qualquer palavra”, e que não entende linguagem metafórica. Ele não se sente familiarizado, muitas vezes, no contato com aqueles que estão à sua volta. Impera uma disposição de estranheza no encontro com os outros [p. 66, trecho 8]. Relaciona-se com os outros, muitas vezes, sem adiantar o que está a caminho, sem vislumbrar o que está concretamente ausente, mas presente apenas no horizonte, do que dão exemplos colocações como “[...] as pessoas vivem dizendo: ‘Fique quieto’, mas elas não dizem por quanto tempo é para ficar quieto. Ou você vê uma placa que diz ‘Não pise na grama’, mas deveria dizer ‘Não pise na grama ao redor da placa’ ou ‘Não pise na grama do parque’, porque sempre tem um bocado de grama na qual se pode andar” [p. 67, trecho 13].

Há em Christopher o predomínio de uma temporalização restrita ao imediato. O que se diz aqui e agora é quase tudo o que se diz, é quase somente o que pode ouvir, pouco dialogando com as perspectivas de futuro e de passado. O futuro se abre a ele muitas vezes como imprevisibilidade, como se caíssem sobre ele perguntas como “o que esperam de mim?”, “o que está me sendo dito?”. Então, ele abre o futuro como caminhar em direção, muito pouco à vontade, com pouca familiaridade, em direção ao imprevisível, em meio a uma névoa espessa.

A respeito do tempo, Heidegger comenta no Seminário de 21 de Janeiro de 1965 sobre a co-originalidade das três dimensões temporais, passado, presente e futuro:

Ora uma, ora outra dimensão com a qual nos relacionamos, em que talvez estejamos até presos, é determinante. Nem por isso as outras duas dimensões

desaparecem em cada caso, apenas são modificadas. As outras dimensões não subjazem a uma simples negação, mas a uma privação (2006, p. 75).

O personagem parece viver predominantemente agarrado ao presente, sendo o futuro, em geral, um chamado do imprevisível e estranho. Por outro lado, ele consegue pensar nos exames de matemática avançada que pretende realizar na escola, e almejar um bom desempenho nos mesmos.

A professora Siobhan diz “exatamente” o que ele não deve fazer, o que é experimentado como acolhida, como arrancá-lo do terreno da imprevisibilidade [p. 67, trecho 15].

Christopher demonstra como compreende a si, concreta e essencialmente, como ser-com os outros - mesmo que este fenômeno originário não seja tematizado - e não só a ele, mas também ao pai e a todo mundo: “[...] não sei o que o pai quer dizer quando fala: ‘Não se meta nos problemas dos outros’, porque não sei o que ele quer dizer com ‘problemas dos outros’, porque vivo fazendo coisas junto com outras pessoas, na escola, na loja, no ônibus, e o trabalho dele é ir nas casas de outras pessoas consertar seus bóileres e seus aquecedores” [p. 67, trecho 14]. Ou seja, os outros lhe estão presentes, mesmo que na forma de uma privação do ser-com, como quando busca se isolar. Presentes na forma do estranhamento, como com o pai, a quem ele não consegue entender.

A perda de uma certa familiaridade do mundo com o qual está mais acostumado, torna-se aflitiva, como quando um estranho entra na escola [p. 67-8, trecho 16], como quando viaja à França [p. 68, trecho 17]. O ser humano é as circunstâncias em que desde sempre está imerso, poder-se-ia dizer de uma compreensão que parte do fenômeno ser-no-mundo. O distanciamento físico de certas situações, em Christopher, potencializa o estranhamento enquanto perda de mundo familiar, e logo, de si.

Heidegger compreende o “si mesmo” como “[...] aquilo que em todo caminho histórico de meu *Dasein* se mantém constantemente como o mesmo, justamente no modo do ser-no-mundo, do poder-ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2001, p. 194)”, não como uma substância simplesmente presente.

Nesse sentido, pode-se falar de um passado que possui pouco vigor em Christopher, já que sua história ameaça se esvaír, e logo, com ela, seu si mesmo, frente a uma situação não familiar.

Não gosta de olhar no rosto das pessoas, parece sentir-se invadido quando é olhado. Gostaria de estar “[...] sozinho dentro de uma minúscula nave espacial a milhares e milhares de quilômetros da superfície da Terra [...]”. Tomar distância dos outros, recolher-se, é experimentado numa disposição prazerosa. Na espaçonave estaria “[...] cercado de muitas coisas de que eu gosto, que são as máquinas, os computadores e o espaço cósmico” [p. 69-70, trechos 26 e 27]. As coisas de que gosta lhe causam menos surpresas que as pessoas em sua imprevisibilidade, assim como os cachorros que somente podem “[...] estar de quatro jeitos: feliz, triste, zangado e concentrado. Além disso, os cachorros são leais e não dizem mentiras porque não podem conversar” [p. 66, trecho 4].

A vizinha Senhora Alexander o convida para entrar, após dizer que ele está sendo muito simpático ao vir falar com ela. É pouco tocado pelos os outros em geral, enquanto apelos que convidam a partilhar, senão de um modo a que lhe pareçam potencialmente intrusivos. Ele apenas responde “Eu não entro na casa de outras pessoas” [p. 68, trecho 21]. O espaço que não é aquele seu cotidiano, é vivido como estranho, é um espaço que não convida a entrar. Lembre-se que, para ele, visitar a França é visitar um espaço que aparece como não convidativo.

Em um momento mais adiante, a mesma vizinha o convida para um “papinho” mas ele diz que não consegue bater papo. Está restrita nele a possibilidade de temporalizar o futuro de maneira mais vigorosa e assim nele penetrar, aceitando um convite, um apelo que lhe chama a ser mais disponível para o outro [p.70, trecho 29].

Quando projeta um futuro para si em uma universidade, comenta que “[...] eu não quero viver sozinho, nem numa casa com outros estudantes” [p 68, trecho 22]. Entabular novas relações concretas fundadas no ser-com essencial, lhe aparece em geral como encontro desconfortável com o estranho.

O encontro prazeroso ocorre, entre outros momentos, quando “[...] arranjar uma boa mulher para me casar e ser minha esposa e ela pode tomar conta de mim, assim eu vou ter companhia e não vou ficar sozinho” [p. 69, trecho 23]. O futuro lhe está aberto, mas ele não compreende a si como pessoa capaz de trocar no sentido de oferecer a outrem e receber, numa relação mais horizontal. O seu presente modo de ser é projetado para o futuro, que não ganha magnitude de porvir enquanto o que está sempre aberto, alterável.

Christopher mostra, sim, conhecimento do que se passa com um outro, ao perceber o pai chateado por ele investigar o assassinato do cachorro, “Dava para ver que o pai estava chateado comigo [...]” [p. 69, trecho 25]. A percepção que revela do pai tem nuances mais ricas do que ocorre com as pessoas em geral.

As dificuldades na percepção do outro e de suas expressões podem ser compreendidas como uma privação, não como uma supressão da percepção do outro. Nesse sentido, no seminário de 12 de Março de 1965, Heidegger comenta a respeito da esquizofrenia que (2001, p. 100-1):



O estado de abertura para o presente é o traço fundamental do ser humano. Mas o estado de abertura para o ente traz em si diversas possibilidades. O que rege toda abertura é o estar junto às coisas que nos dizem respeito corporalmente sem intermediações. A falta de contato que se verifica na esquizofrenia é uma privação do estar aberto. Mas esta privação não significa que a abertura desaparece, apenas ela é modificada para a “pobreza de contato”.

Em Christopher não há o desaparecimento da abertura em que consiste *Dasein*, há uma privação do estar aberto. Lembre-se que Heidegger afirma que “Quando negamos algo de forma que não o excluimos simplesmente, mas o retemos justamente no sentido de que algo lhe falta, esta negação chama-se privação (2001, p. 73). A primeira professora disse aos pais de Christopher que sempre seria difícil para ele compreender como as outras pessoas pensavam, porém ele comenta que “[...] eu não achava isso difícil agora. Porque eu decidi que era um tipo de quebra-cabeça e se uma coisa é um quebra-cabeça, tem sempre uma maneira de resolvê-la” [p.73, trecho 44]. Então, ele compreende os outros como enigmas, decifráveis talvez num esforço.

Quando vê “quatro carros amarelos, um atrás do outro, no caminho para a escola”, entende que se trata de “dia ruim” e então, na escola, por esta ocasião, não fala com ninguém, preferindo o recolhimento. Aqui podemos compreender como sua abertura para o Ser das coisas que se mostram aparece restringida, como ele se move em seu mundo com pouca liberdade [p.70, trecho 28], com uma espécie de compreensão engessada. De alguma forma ele se sente ameaçado de sucumbir nos carros amarelos, não podendo permitir que sejam apenas carros amarelos que passam um atrás do outro ocasionalmente, a exemplo do que dizem Boss e Condrau (1976, p. 18) sobre um esquizofrênico: “[...] se sobrecarrega a tal ponto que ele não é mais capaz de responder ao que aparece como fazem [quase] todas as pessoas ao seu redor”.

Mesmo o mais familiar é tido como estranho. Ele não compreende as metáforas que o escritor de seu livro predileto, sir Arthur Conan Doyle, emprega [p. 70, trecho 32]. Mesmo o mais familiar é potencialmente invasivo. O pai não pode tocar na comida dele. E isso sugere um mundo que a um leve toque estremece, um sentimento de fragilidade de seu ser-no-mundo [p.71, trecho 31].

Quando Siobhan lhe pergunta se está triste por ter descoberto que sua mãe – que ele supõe morta – teve um caso extraconjugal com o senhor Shears, ele somente pode dizer que não sente tristeza: “Porque a mãe está morta. E porque o senhor Shears não está mais aqui. [...] Isto [sentir tristeza] seria estúpido” [p. 70-1, trecho 33]. É como se apenas a temporalização presente tivesse vigor. Aqui, não dialoga com o passado, a não ser na disposição de indiferença.

A confiança no pai é trincada quando descobre que ele mentira sobre a morte da mãe e quando percebe que de verdade o pai matara Wellington. Em lhe sendo tão difícil compreender o pai assim, ainda projeta a confissão do pai sobre o assassinato como sendo possivelmente uma piada não compreendida por ele em seu conteúdo.

E quando o pai o toca, após a descoberta de que a mãe não havia morrido “[...] não me machucou quando ele me tocou, como normalmente acontece” [p.72, trecho 43]. Christopher parece viver um desvanecimento de sua corporeidade ao se entregar, sem opção, “de corpo e alma” à traição do pai. Observe-se que para Heidegger (2001), *Dasein* significa o estar aberto corporalmente. Mas pode ocorrer em certas ocasiões o que ele chama de “um estar-fora do corpo (2001, p. 112)” entendido também como um fenômeno de privação, do que ele dá exemplo com a seguinte passagem:

Se alguém vive, como se diz, no mundo da lua, que função teria então o corpo? Quando o filósofo Tales caminhando, pensativo, caiu num buraco e as moças caçaram dele, seu corpo não estava exatamente no mundo da lua, mas sim ausente. Justamente quando – como no caso citado – eu me entrego a algo de corpo e alma, o corpo está fora. Mas este estar-fora do corpo não é um nada, mas sim um dos fenômenos mais misteriosos da privação.

É como se a corporeidade de Christopher se retraísse frente ao encontro maciço com a dolorosa novidade.

Quando percebe que o pai mentiu sobre a morte da mãe e que matou Wellington, ele passa a ser um perigo para vida de Christopher, uma ameaça concreta. Para Christopher, ou ele era bom, ou ele era mau, perigoso. Não há maior liberdade para transitar por matizes do comportamento, só havendo diante de si duas alternativas. Não podia mais morar com o pai, e havia que sair de casa escondido [p. 73, trechos 46, 47 e 48].

Então, ele vai buscar, na jornada para chegar à casa da mãe em Londres, em meio a uma avalanche de temor, alguma segurança: pedir informações a uma senhora, porque, como aprendeu na escola, “[...] com senhoras é mais seguro” [p.73, trecho 48]; gemer disfarçadamente, criando uma espécie de capa protetora para si, já que há uma porção de gente na rua que o incomoda só de estar ali, e isto para ele é uma solicitação excessiva [p.73-4, trecho 49]; e fazer um mapa “em minha cabeça [...] desta forma foi mais fácil ignorar as pessoas e o barulho em volta de mim” [p.74, trecho 50].

Mas, quando, já em Londres, uma senhora lhe oferece ajuda, é a descoberta do outro como potencialmente nocivo que prevalece: “Fique longe de mim. Eu tenho um canivete de exército suíço e tem uma lâmina serrada com ele e eu posso cortar fora os dedos de uma pessoa” [p. 75, trecho 63].

A busca por alguma segurança, fundada sempre no sentimento mais originário de desabrigo próprio do *Dasein*, faz-se presente também quando Christopher, comprando passagem de trem para ir a Londres, na bilheteria, vira-se e pode “[...] ver que o policial ainda estava me observando, assim eu me senti mais seguro”, um policial que o havia interpelado há pouco [p.74, trechos 53, 54 e 55].

Poderia ser pensado um desabrigo mais radical em Christopher, quando por exemplo, ele revela não entender de imediato o que quer dizer “vinte pratas” [preço da passagem] [p. 74, trecho 54], quando pergunta “O que significa simples ou ida e volta?” [passagem de ida e volta?] [p. 74, trecho 56]. Há um estranhamento com o mundo público, em relação ao que se oferece impessoalmente.

Tecendo considerações sobre o tempo no Seminário de 21 de Janeiro de 1965, Heidegger oferece um exemplo do “acessível a todos”, quando fala sobre o “agora”:

É um agora diretamente acessível a todos nós que estamos conversando aqui. Não necessita da intermediação de uma reflexão sobre cada respectivo eu, que inicialmente diz, cada um por si, “agora” e só depois concordam em que querem significar o mesmo agora. [...] Chamamos esta acessibilidade do agora de estado público do agora (HEIDEGGER, 2001, p. 75).

Carece de mundo público também quando já na estação de trem em Londres, ao ouvir a informação: “Pegue a linha para a estação Willesden Junction [...]”, responde “Que tipo de linha é essa?” [p. 75, trecho 61]. Mas há também um esforço para participar do mundo como os outros, como quando ele pega o bilhete de metrô e diz: “[...] peguei meu bilhete como as outras pessoas faziam [...]” [p. 75, trecho 62].

Há também com Christopher uma tendência a se interpretar como uma coisa entre outras no mundo, e assim, não se comprometer propriamente com o seu próprio ser para a morte, indicando aí uma compreensão mais impessoal, pública. Ao conversar com o reverendo Peters sobre Deus, sendo Christopher ateu, ele diz sobre a morte:

O que ocorre na realidade quando você morre é que seu cérebro pára de trabalhar e seu corpo apodrece, como aconteceu com o coelho, quando ele morreu, e nós o enterramos na terra, nos fundos do jardim (HADDON, 2006, p. 53).

Uma maneira de entender a morte que de algum jeito pacifica a existência, e que pode ser tranqüilizadora, ainda mais em se tratando de um adolescente: a morte enquanto um mero acontecimento físico, e não como condição mortal com que se dialoga permanentemente, sempre presente, havendo que ser assumida por cada ser humano.

A comunicação com os outros é claramente modificada, e isso pode ser mais bem compreendido quando justamente se pensa em como ele estranha o mundo. Heidegger comenta que “O dividir do mesmo mundo com outro nesta relação de ser absorvido por... é o que possibilita uma comunicação (HEIDEGGER, 2001, p. 183)”. Como muitas situações são pouco claras para o protagonista, é possível imaginar sua solidão. Lembre-se, por exemplo, da não compreensão do que são “vinte pratas”, do que significa comprar passagem de trem “simples ou ida e volta”.

A mãe, para quem ele havia corrido para se salvar, não é exceção no que diz respeito ser tocado. E também não é exceção à predominância de uma disposição afetiva pouco calorosa e efusiva, o que se nota no momento do reencontro com ela em frente ao prédio da mesma em Londres [p. 76, trechos 66, 67 e 69].

O sonho sonhado quando já na casa da mãe e do senhor Shears em que pode “[...] ir a qualquer lugar do mundo e sei que ninguém vai conversar comigo, nem vai me tocar nem me perguntar nada (p. 257-8)” [p. 76-7, trecho 70], revela sua disposição no estar com os outros na vida acordada: não quer muita proximidade, não quer ser tocado. Para Heidegger, “O mundo do sonho de algum modo pertence à continuidade do ser-no-mundo, é igualmente um ser-no-mundo (2001, p. 241)”, estando implicado no fenômeno de ser-no-mundo, o ser-com os outros. Boss defende que (1976, p. 34) “[...] é possível que no estado de sonho, a existência esteja mais aberta para a entrada de coisas com significações que não foram ainda percebidas pela pessoa acordada”.

No final do romance, reconciliado com a mãe, sendo Christopher uma espécie de estranho no ninho-mundo, volta vagarosa e gradativamente ao lar paterno, como que buscando confiar e viver mais bem instalado em um mundo que já lhe é tão cheio de surpresas desagradáveis [p.78, trechos 76 e 77].

Ao pensar em Christopher e em sua história, observa-se uma existência fragilizada, com muita dificuldade encontrando morada, no sentido de um certo aconchego junto aos outros e ao que encontra no mundo.

E pensando a fragilidade humana como inerente à sua condição, em diálogos com Boss durante férias comuns na Sicília, diálogos estes transcritos no livro *Seminários de Zollikon*, Heidegger chama a atenção do que consiste a ajuda médica (e por que não, a psicológica): trata-se não do funcionar de uma coisa, mas do existir. Ele acrescenta a isso que

O homem é essencialmente necessitado de ajuda, por estar sempre em perigo de se perder, de não conseguir lidar consigo. Este perigo é ligado à liberdade do homem. Toda a questão do poder-ser-doente está ligada à imperfeição de sua essência. Toda doença é uma perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver (HEIDEGGER, 2001, p. 180).

Agora, passa-se a uma tentativa de enunciação da estrutura ou essências do fenômeno ser-com os outros em Christopher.

Segundo Heidegger, “O fenômeno é a essência daquilo que se mostra. O fenômeno como aquilo que se mostra significa sempre o Ser do ente, não algo que é isolado (HEIDEGGER, 2001, p. 195)”.

Recordando-se que neste trabalho foi utilizada a metodologia fenomenológica em pesquisa conforme Giorgi (1997), passa-se a uma declaração consistente com relação à estrutura fundamental ou essências do fenômeno ser-com os outros em Christopher.

Christopher percebe expressões faciais alheias, como sendo esta ou aquela, somente com muita dificuldade, em geral compreendendo as expressões como enigmáticas. Tem prazer em ficar só. Não gosta de ser tocado, nem mesmo por seus pais; o toque parece ser desestabilizador de uma condição sentida já quase sempre mais radicalmente ameaçada. Nesse sentido, os outros lhe aparecem por vezes como que fazendo solicitações difíceis de serem suportadas, como as perguntas do policial no jardim, e como o convite de uma vizinha para entrar em sua casa. As multidões também são solicitações dificilmente suportadas.

Não gosta de ser olhado, o olhar do outro parece invadir-lhe.

Ele compreende os outros enquanto outros, mas predominantemente numa disposição de estranhamento. Sabe que lhe escapam certas nuances, como metáforas e expressões espirituosas, como piadas. Isto potencializa uma disposição de recolhimento, de fechamento.

Fica desnudo pela impossibilidade de se apresentar como o que não é, ou seja, de mentir.

O mundo público, aberto em geral para os outros, como o mundo das “vinte pratas”, o mundo da passagem “simples” ou de “ida e volta”, não é nada familiar para ele, muito ao contrário disso.

Porém, ele faz um movimento, sempre, de buscar abrigo, seja indo a busca da mãe ao perceber-se traído pelo pai, seja perdido na rua indo a Londres e buscando alguma informação, mesmo que com medo, e finalmente, buscando confiar novamente no pai no fim do romance. Mesmo vivendo num mundo que se lhe apresenta predominantemente como inóspito, Christopher não perde a esperança de encontrar abrigo.



## **CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

## **CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Christopher mostrou-se como alguém para quem os outros são predominantemente encontrados numa disposição de estranhamento. Alguém que não gosta de ser tocado e que muitas vezes prefere ficar só, se imaginado mesmo como a única pessoa no mundo. Mas também ele está em busca de contato com os outros, no sentido de tornar o mundo mais compreensível e menos inóspito, seja investigando o assassinato do cachorro Wellington junto aos vizinhos, seja indo a busca da mãe na estranha viagem a Londres, ou mesmo reconciliando-se com o pai.

O fenômeno existencial ser-com foi concretamente demonstrado, o que leva a pensar que em alguns momentos da análise, o estudo ganhou um certo caráter de confirmação de postulações heideggerianas. Também foi possível trazer noções do pensamento de Heidegger no que diz respeito à compreensão da existência humana, bem como informações gerais sobre o Transtorno de Asperger.

Logrou-se agregar à análise o desdobramento em Christopher de existenciais correlacionados ao ser-com: a predominância de uma disposição de estranhamento no mundo, a compreensão do ser para a morte enquanto acontecimento físico em um momento à frente no tempo, a temporalidade vivida predominantemente no modo presente e o espaço público vivido tantas vezes como não convidativo e ameaçador.

A compreensão de um fenômeno, seja ele qual for, é uma tarefa sempre a ser reposta, há sempre que se reconquistar o fenômeno. Cabe uma citação mais extensa de Dartigues (2005), em passagem comentando sobre a verdade como ideal:

Assim, uma percepção invoca outra, uma experiência invoca outra a tal ponto que a evidência aparece como um termo em direção ao qual tendemos sem que jamais estejamos certos de tê-lo atingido plenamente. A evidência não nasce de uma única experiência, mas da síntese de uma infinidade de experiências concordantes. Paradoxalmente, é porque a evidência se funda sobre o dado imediato do objeto na experiência, o que permitiria crer que me encontro de imediato numa situação de evidência, que essa evidência é sempre precária e de alguma maneira apenas presumida, já que ela pode ser sempre, em princípio, desmentida por uma experiência ulterior (DARTIGUES, 2005, p. 78).

Pode-se afirmar que foi uma aproximação do fenômeno ser-com os outros em Christopher, empregando para tal metodologia reconhecidamente apropriada, proposta por Giorgi (1997), posto que em questão estavam compreensões de vivências humanas.

Um dos objetivos do presente estudo foi o de contribuir com a compreensão de **possíveis maneiras** [grifo do autor] de pessoas diagnosticadas com Transtorno de Asperger se relacionarem com os outros, aproximando o que significa o este diagnóstico como modo doente de existir do homem. Ressalta-se o termo “possíveis maneiras”.

Então seriam estas maneiras, as que foram encontradas em Christopher, exclusivas de pessoas com tal diagnóstico, mas não necessariamente encontráveis em todas as pessoas com o diagnóstico?

Muito possivelmente, nem são exclusivas, nem encontráveis em todas as pessoas com o diagnóstico. Há, inclusive como o demonstram alguns exemplos trazidos à análise, no capítulo 6, pessoas tidas como esquizofrênicas que apresentam formas muito semelhantes de relacionamento. Há também pessoas com diagnóstico de Transtorno de Asperger que são mais propensas ao contato do que Christopher.

Mas, seria possível encontrar duas pessoas com o mesmo diagnóstico, ainda que preenchessem seus sintomas todos os critérios diagnósticos do DSM - IV - TR e da CID – 10

para por exemplo Transtorno de Asperger, duas pessoas iguais? Certamente, não. Seria necessário que delas se tivesse retirado sua humanidade. Cabe lembrar que o desvendamento do código genético revela que não há dois seres humanos iguais entre si. Nussbaum, MC Iness e Willard (2002, p. 76), comentam sobre o conceito de há mais de um século de “individualidade química” de Sir Archibald Garrod, e que permanece verdadeiro até hoje – “[...] cada pessoa, independente de seu estado de saúde, tem uma constituição única geneticamente determinada [...]” - após afirmarem que:

A seqüência de DNA nuclear é quase 99,9% idêntica entre quaisquer dois seres humanos. É exatamente esta pequena fração de seqüência de DNA que é diferente entre as pessoas, que é responsável pela variabilidade geneticamente determinada entre os humanos (NUSSBAUM, MC INESS, WILLARD, 2002, p. 69).

Este trabalho procurou retirar de sua própria limitação, sua força: apenas um caso estudado, o de um personagem de um romance. Uma limitação, dir-se-á, do que não se pode discordar. Porém, o mesmo convida outros pesquisadores a penetrarem no mundo daqueles “sujeitos” que se prestam à pesquisa, para a partir da descrição de seus mundos, estabelecerem um diálogo entre a humanidade de suas doenças (doença entendida enquanto privação que apenas ao homem atinge; pois não é possível dizer de uma vaca, ou seja de qual for o animal, que fique doente) com aquilo que se estuda e se conhece sobre o que há de comum, de universal, quando se fala desta ou daquela patologia. Pois o mais verdadeiro, no sentido daquilo que fundamenta um diagnóstico, está na vivência do doente.

Somente esta generalização pode ser pretendida aqui: ganha força a compreensão, e logo todo cuidado médico, psicológico e todo tratamento dado a outrem, quando se esforça

para enxergar a pessoa doente em sua totalidade, em como ela particularmente, de maneira única, se encontra doente.

Com este trabalho, buscou-se uma contribuição a partir da compreensão das vivências de um jovem com o referido diagnóstico, procurando “vestir seus óculos” para melhor entender como enxerga o mundo.

Ales Bello (2006), a respeito da necessidade do diálogo entre disciplinas para que não se incorra em reducionismos, comenta que:

Considerar o ser humano, por exemplo, apenas como ser corpóreo é um reducionismo. Considerar as doenças mentais como doenças do cérebro é um exemplo disso. Obviamente não se quer dizer com isso que não exista cérebro; certamente toda a estrutura neurológica deve ser analisada, ou seria um espiritualismo abstrato. Ao invés, seria um projeto importantíssimo tomar os resultados das pesquisas das neurociências e verificar como as dimensões psíquica e espiritual, nas suas específicas qualidades, podem ser relacionadas com a base neurológica [...] É uma grande fadiga dispor-se a não querer resolver as questões de modo unilateral, mas isso permite uma pesquisa comunitária (ALES BELLO, 2006, p.32).

Não que, como comenta a autora acima citada, procedeu-se a “[...] tomar os resultados das pesquisas das neurociências e verificar como as dimensões psíquica e espiritual, nas suas específicas qualidades, podem ser relacionadas com a base neurológica [...]”, projeto que é colocado pela mesma num tempo condicional, algo a acontecer, “[...] seria [...] importantíssimo”. O estudo não teve tal pretensão. Apenas buscou-se uma humilde chamada a lembrar que há outras dimensões humanas além da dimensão física, e que não se podem compreender as doenças, enquanto acontecimento humano, apenas como problemas orgânicos.

Uma questão não deve ser deixada para trás: haveria uma espécie de falha diagnóstica do autor do romance ao colocar Christopher em uma dada situação, quando põe o personagem a dizer que “Dava para ver que o pai estava chateado comigo [...]” (HADDON, 2006, p. 73)?

Ora, recorrendo-se a Baron-Cohen, Frith e Leslie (1985), percebe-se no estudo por eles levado a cabo que 80% das crianças com diagnóstico de autismo que se submeteram à pesquisa proposta, erraram a resposta sobre a crença da boneca, concluindo-se portanto que 20% das crianças com o mesmo diagnóstico acertaram, podendo-se então atribuir às mesmas, pelo menos alguma habilidade com a chamada Teoria da Mente [conferir p. 32-3 desta dissertação]. E Caixeta e Caixeta (2005) comentam que em relação à teoria da mente, não se trata de um fenômeno “tudo ou nada”, nem de uma habilidade que “existe ou inexistente” [conferir p. 33 desta dissertação]. O próprio DSM – IV – TR (2003, p. 111) assim coloca: “**Comprometimento acentuado** no uso de múltiplos comportamentos não verbais, tais como contato visual direto, **expressão facial**, posturas corporais e gestos para regular a interação social” [grifos do autor da dissertação].

Talvez, um exemplo de como a pessoa concreta não deva ser reduzida a um diagnóstico, mas em vez disso, o diagnóstico deva servir como um orientador para a comunicação entre os membros das comunidades científicas.

Porém, sobre Christopher, deve-se dizer que, mesmo em relação ao pai, há passagens em que não consegue compreendê-lo de maneira mais aprofundada, não captando expressões do mesmo.

A pesquisa também não se preocupou em listar causas, etiologias, para o Transtorno de Asperger, que, ademais, estão por ser esclarecidas. E nem este era um objetivo, lembrando

mais uma vez, como disse Boss a respeito da esquizofrenia, e que sem dúvida vale também para toda compreensão de alguém com diagnóstico de Transtorno de Asperger:

[...] mesmo que se tenha encontrado um fator físico que possa sem dúvida parecer uma somatogenia do modo-de-ser-esquizofrênico na sua concepção mais comum até hoje, não se terá chegado mais próximo da concepção desse sofrimento, pois para isso é necessário saber o que ele significa como modo existencial doentio humano (BOSS, 1977, p. 6).

Finaliza-se na certeza de que o Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento, onde tomou forma este trabalho que por ora se encerra, faz justiça ao ser humano em sua complexidade, quando procura trazer para dialogar, a psiquiatria, a neurologia, a genética, a fenomenologia daseinsanalítica, a psicanálise, a psicologia do comportamento e todas as outras disciplinas que também visam compreender as manifestações do sofrimento e melhorar a saúde dos seres humanos.

## **8. REFERÊNCIAS**



## 8 - REFERÊNCIAS.

ALES BELLO, A. Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas. *Memorandum*. Belo Horizonte, 11, p.28-34, 2006, Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/alesbello04.htm>> Acesso em: 23 de Novembro de 2008.

AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da Pesquisa Fenomenológica. *Estudos de Psicologia*. [S. L.], v. 13, n. 1, p. 5-10, 1996.

ARAÚJO, C. A. de. Síndrome de Asperger - Aspectos psicológicos. In: ASSUMPÇÃO JR., F. B. (Editor). **Transtornos Invasivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997. p. 49-58.

\_\_\_\_\_. **O processo de individuação no Autismo**. São Paulo: Memnon, 2000. 102 p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 880 p. (Tradução de Cláudia Dornelles. 4ª edição).

ASSUMPÇÃO JR, F. B. (Editor). **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Infantil**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997. 142 p.

BARON-COHEN, S.; FRITH, U.; LESLIE, A. M. Does the autistic child have a theory of mind? *Cognition*. [S.L.], 21, p. 37-46, 1985. Disponível em: <[http://www.autismresearchcentre.com/docs/papers/1985\\_BC\\_etal\\_ASChildTheoryOfMind.pdf](http://www.autismresearchcentre.com/docs/papers/1985_BC_etal_ASChildTheoryOfMind.pdf)> Acesso em: 29 de Novembro de 2007.

BARRETO, K. D. **Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico. Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança**. São Paulo: Unimarco editora, 2000. 210 p.

BEUQUE, G. V. de. **Experiência do Nada como Princípio do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad – Faperj, 2004. 235 p.

BOSS, M. Encontro com Boss. **Revista da Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial – Daseinsanalyse**. São Paulo, sem número, p. 1- 38, Março, 1976.

\_\_\_\_\_. O modo-de-ser-esquizofrênico à luz de uma fenomenologia daseinsanalítica. **Revista da Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial – Daseinsanalyse**. São Paulo, n. 3, p. 5 – 30, Dezembro, 1977.

BOSS, M.; CONDRAU, G. Análise Existencial – Daseinsanalyse. **Revista da Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial – Daseinsanalyse**. São Paulo, sem número, p. 5 -23, Setembro, 1976 .

CAIXETA, M.; CAIXETA, L. **Teoria da Mente. Aspectos psicológicos, neurológicos, neuropsicológicos e psiquiátricos**. Campinas: Editora Átomo, 2005. 139 p.

CARDINALLI, I. E. **Daseinsanalyse e Esquizofrenia**. São Paulo: Educ / Fapesp, 2004. 175 p.

DARTIGUES, A. **O que É a Fenomenologia**. São Paulo: Centauro Editora, 2005 (9ª edição revista), 152 p. (Tradução de Maria José J. G. de Almeida).

DOSTOIEVSKI, F. **Os Irmãos Karamazov**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

EMERICH, D. M.; CREAGHEAD, N. A.; GREYER, S. M.; MURRAY, D.; GRASHA, C. The Comprehension of Humorous Materials by Adolescents with High-Functioning Autism and Asperger's Syndrome. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. [S.L.], v. 33, n. 3, p. 253-257, Junho, 2003.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

FREUD, S. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

\_\_\_\_\_. **Cinco Lições de Psicanálise**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. **Dostoiévski e o Parricídio**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v. 1, n. 1, p. 109 -122, Agosto, 1997

GIORGI, A. The theory, practice, and evaluation of the phenomenological method as a qualitative research procedure. **Journal of Phenomenological Psychology**. [S.L.], v. 28, n. 2, p. 235-260, 1997.

GOGOL, N. **Diário de um louco**. Lisboa: Assírio e Alvim Editora, 2000.

HADDON, M. **The Curious Incident of the Dog in the Night-Time**. London: Vintage, 2004 (First published in Great Britain in 2003 by Jonathan Cape).

\_\_\_\_\_. **O Estranho Caso do Cachorro Morto**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2006, 7ª edição. 287 p.(Tradução de Luiz Antonio Aguiar e Marisa Reis Sobral).

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes (em colaboração com Educ e com Associação Brasileira de Daseinsanalyse), 2001, 311 p. (Editado por Medard Boss. Tradução de Maria de Fátima Almeida Prado e Gabriela Arnhold).

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1993. 325 p. (Parte I, 4ª edição) e 262 p. (Parte II, 3ª edição). (Tradução de Márcia de Sá Cavalcante).

ISHIJIMA, M.; KURITA, H. Brief Report: Identical Male Twins Concordant for Asperger's Disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. [S.L.], v. 37, n.2, p. 386-389, Fevereiro, 2007. Disponível em:

<<http://www.springerlink.com/content/1481th9275646276/fulltext.pdf>> Acesso em 2 de Novembro de 2007.

ISKANDAR, J. I. **Normas da ABNT**. Comentadas para trabalhos científicos. Curitiba: Juruá Editora, 2003, 2ª edição – revista e ampliada. 94 p.

KLIN, A. Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v. 28, supl.1, p. 3-11, Maio, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf>> Acesso em 25 de Outubro de 2007.

KORPIHLATI, P. et al. Processing of affective speech prosody is impaired in Asperger Syndrome. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. [S.L.], v. 37, n. 8, p. 1539-1549, Setembro, 2007.

LOUKUSA, S. et al. Use of Context in Pragmatic Language Comprehension by Children with Asperger Syndrome or High-Functioning Autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. [S.L.], v. 37, n. 6, p.1049-1059, julho, 2007.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **O Alienista**. São Paulo: Editora Ática, 1989. 55 p.

MARTIN, I.; MC DONALD, S. An Exploration of Causes of Non-Literal Language Problems in Individuals with Asperger Syndrome. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. [S.L.], v. 34, n. 3, p. 311-328, junho, 2004.

MORAES, Vinicius de. **Livro de Sonetos**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967. 4ª edição. 156 p.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002. 152 p.

NUSSBAUM, R.L.; MC INESS, R.R.; WILLARD, H.F. **Thompson e Thompson - Genética Médica**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002. 387 p.

OBSERVER, The. **Reportagem publicada sobre o escritor Mark Haddon**, em 11 de abril de 2004. Disponível em:

<<http://books.guardian.co.uk/departments/childrenandteens/story/0,6000,1189538,00.html>> Acesso em 9 de Maio de 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10**. São Paulo: Edusp, 1997. 1191 p. (5ª edição).

SACKS, O. **Um Antropólogo em Marte**. Sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 7ª reimpressão. 331 p. (Tradução de Bernardo Carvalho).

SAFRANSKI, R. **Heidegger. Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal.** São Paulo: Geração Editorial, 2000. 518 p. (Tradução de Lya Luft).

SCHEUER, C. Teoria da Mente. In: ASSUMPCÃO JR., Francisco Baptista (Ed.). **Transtornos Invasivos do desenvolvimento infantil.** São Paulo: Lemos Editorial, 1997. p. 25-36.

SAULNIER, C.; KLIN, A. Brief Report: Social and Communication Abilities and Disabilities in Higher Functioning Individuals with Autism and Asperger Syndrome. **Journal of Autism and Developmental Disorders.** [S.L.], v. 37, n. ? , p. 788-793, 2007.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet.** Porto Alegre / São Paulo: L&PM Editores, 1988. 198 p. (Tradução de Millor Fernandes).

SCHIRMER, C. R.; FONTOURA, D. R.; NUNES, M. L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria.** Rio de Janeiro, v. 80, n. 2, supl. 0, Porto Alegre, Abr 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) > Acesso em 15 de Março de 2008.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos.** São Paulo: Paz e Terra, 1995.

SCHWARTZMAN, J. S. Autismo Infantil. **Temas sobre desenvolvimento.** São Paulo: Ano 2, número 10, p. 3-26, Janeiro / Fevereiro, 1993. Em CD - ROM com material cedido pelo Professor José Salomão Schwartzman em 2007.

SCHWARTZMAN, J. S; ASSUMPCÃO JR, F. B. e Colaboradores. **Autismo Infantil.** São Paulo: Memnon, 1995. 285 p.

SÓFOCLES. **Édipo Rei.** São Paulo: Editora Abril, 1982. p. 51-145. (Tradução de Geir Campos).

TOLSTÓI, L. **A morte de Ivan Ilitch.** (Tradução de Marques Rebelo). p. 145-191. In: BRAGA, Rubem (Coordenação e apresentação); RAMOS, Graciliano (Supervisão). **Contos Russos. Os Clássicos.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WING, L. **Asperger syndrome: a clinical account.** [Texto publicado originalmente em 1981]. Disponível em: < <http://www.mugsy.org/wing2.htm> > Acesso em 26 de Fevereiro de 2008.

ZUKAUSKAS, P. R. **A Temporalidade e a Síndrome de Asperger.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2003. 121 p.

\_\_\_\_\_. **A Fenomenologia Daseinsanalítica na Aproximação da Condição Autística de um Caso Clínico.** Estudo apresentado no evento conjunto “I Congresso Brasileiro de Psicoterapia” e “II Encontro Brasileiro de Psicoterapia”, em Belo Horizonte, em 11 de Outubro de 2005. 19 p.